



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação
Campus Nilópolis

Samanta Rita Sironi

**MAPEAMENTO AFETIVO E CRIATIVO DA UNIVERSIDADE DAS QUEBRADAS
NO RIO DE JANEIRO:**

Um estudo de caso sobre o perfil dos quebradeiros do ano de 2017.

Nilópolis/RJ

2018

Samanta Rita Sironi

**MAPEAMENTO AFETIVO E CRIATIVO DA UNIVERSIDADE DAS QUEBRADAS
NO RIO DE JANEIRO:**

Um estudo de caso sobre o perfil dos quebradeiros do ano de 2017.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do título de
Especialista em Linguagens Artísticas,
Cultura e Educação.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Guerreiro
Mendes

Nilópolis/RJ

2018

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

S621m Sironi, Samanta Rita
Mapeamento Afetivo e Criativo da Universidade das Quebradas no Rio de Janeiro: Um estudo de caso sobre o perfil dos quebradeiras do ano de 2017. / Samanta Rita Sironi. -- Nilópolis, RJ, 2018.
86 f. : il. ; 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (Pós-Graduação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Produção Cultural com ênfase em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, 2018.

Orientação: João Luiz Guerreiro Mendes

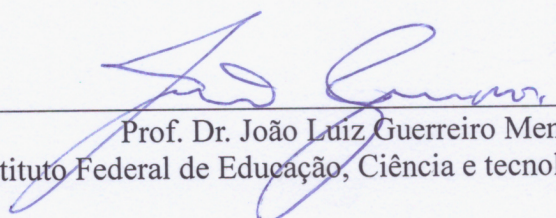
1. Políticas Culturais. 2. Cultura. 3. Mapeamento. 4. Universidade das Quebradas. I. Título.

Samanta Rita Sironi

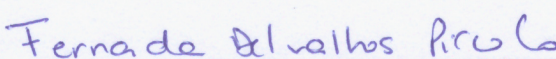
**MAPEAMENTO AFETIVO E CRIATIVO DA UNIVERSIDADE DAS
QUEBRADAS NO RIO DE JANEIRO:** um estudo de caso sobre o perfil dos
quebradeiras do ano de 2017.

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como parte dos
requisitos necessários para a
obtenção do título de especialista em
linguagens artísticas, cultura e
educação.

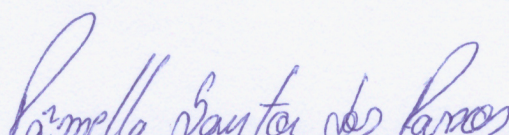
Data da Aprovação: 09/01/2018



Prof. Dr. João Luiz Guerreiro Mendes (Orientador)
Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)



Profa. Dra. Fernanda Delvalhas Piccolo
Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)



Profa. Dra. Pâmella Santos dos Passos
Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

Nilópolis - RJ
2018

Dedico o meu trabalho ao meu amor, Niltinho.
Você é a luz da minha vida. Aos meus amados
pais, Seu Angelo e Dona Neusa. E em
memória à minha querida vovó, Flordelina.

AGRADECIMENTOS

Ao “Cara lá de cima”, por mais essa oportunidade de superação, assim fechando um ciclo de conhecimentos e abrindo novas portas e janelas para os próximos desafios.

Aos meus pais, Seu Angelo e Dona Neusa, pela dedicação, empenho e muito amor comigo, sempre incentivando a busca pelo conhecimento e dando exemplos reais de conduta moral e ética que levarei sempre comigo.

A minha irmã “guerreira”, Rita, que sempre esteve do meu lado; aos meus irmãos, Marcelo e Fabiano, junto com a minha cunhada Natália, e minhas “eternas” pequenas e amadas sobrinhas, Caroline e Mariane, agradeço pela força nessa etapa da minha vida.

As minhas amigas que estão no meu coração, Luciana, Marcia e Rejane, pelo companheirismo e compreensão da minha ausência para a realização desse trabalho.

A Universidade das Quebradas e aos “quebradeiros” que fazem esse projeto ser tão lindo, destacando a parceria fundamental de Rosângela Gomes e Renata Codagan por sempre estarem dispostas a ajudar. E, com destaque merecido, a minha amiga Iris Medeiros, que esteve comigo junto nesse projeto dando um toque mais que especial nos gráficos e tabelas.

Ao meu Orientador, Prof. Dr. João Luiz Guerreiro Mendes, que acreditou no meu tema proposto e, com sabedoria, conhecimento e muita paciência, guiou-me para a conclusão desse trabalho; seu nome ser “Guerreiro” não é por acaso, sempre pronto a ajudar seus alunos e contribuir para que a educação, arte e cultura sejam para todos. O meu muito obrigada!

Em ESPECIAL, ao meu amor, Niltinho, que no dia da entrevista da seleção foi comigo de trem, ambos recém-chegados no Rio, quando percebemos estávamos em Mesquita. Num ato de desespero, parei no meio da rua e comecei a chorar e dizer que não daria tempo. Ele me olhou e disse “Você pode e você vai conseguir. Pare de chorar e vamos correr”. Corremos, corremos, atravessamos a passarela. Estávamos em Nilópolis. Pegamos moto táxi e cheguei toda suada sem conseguir falar direito. Tomei um copo d'água e fui aprovada. Niltinho, sem você nada faria sentido. Se tive coragem de mudar minha vida profissional devo a você, meu Poeta. Gracias eternas!

Foi o mundo da cultura que primeiro aceitou o desafio de mudar. De criar um outro Brasil. Sem pobreza e sem a arrogância dos ricos, sem miséria definitivamente. É pela brecha da cultura que poderemos dar o salto do reencontro do país com sua cara. Um Brasil totalmente simples, mas radicalmente humano. O que importa é alimentar gente, educar gente, empregar gente. E descobrir e reinventar gente é a grande obra da cultura.

Brant, apud Mamberti

SIRONI, Samanta Rita. **Mapeamento afetivo e criativo da Universidade das Quebradas no Rio de Janeiro**: Um estudo de caso sobre o perfil dos quebradeiras do ano de 2017. 86 p. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em linguagens artísticas, cultura e educação) – Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, RJ, 2018.

RESUMO

Este trabalho de conclusão faz um mapeamento afetivo e criativo da Universidade das Quebradas no Rio de Janeiro do ano de 2017. Ao analisar o perfil dos futuros quebradeiras tanto na ficha de inscrição *on-line*, bem como nas entrevistas e nos formulários presenciais, percebemos alguns apontamentos interessantes para poder entender a relação entre arte, cultura e educação. O projeto Universidade das Quebradas é promovido pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea, órgão que pertence à Faculdade de Letras da UFRJ, apoiado pela Agência UFRJ de Inovação e em parceria com o Museu de Arte do Rio (MAR), articulando à academia com artistas, ativistas e arte educadores das periferias, ou seja, investe na troca e na mistura de saberes entre a comunidade que produz cultura fora das universidades e a comunidade acadêmica para criar novas formas de conhecimento e novas expressões artísticas. Ao analisar as trajetórias dos candidatos, visualizamos as demandas, as tensões e a relação do seu ofício artístico no Estado do RJ e o novo papel da Universidade. Para essas verificações, contamos com os exemplos de propostas educacionais e culturais tais como: 1º Curso de Agentes Culturais Populares – 2009 – UFF / PROEXT MEC, Periferias em Cena – 2011 – IFRJ e o Programa Cultura Viva. Para o desenvolvimento do projeto, os autores Antonio Albino Canelas Rubim e João Luiz Guerreiro Mendes, que se debruçam sobre as relações de políticas culturais e políticas públicas na área da cultura, e os autores Boaventura Santos e Pierre Levy, com suas contribuições no campo do conhecimento-emancipatório e troca de saberes através do afeto, foram de suma importância. Concluímos que a abertura de propostas de ensinamentos inovadores dentro das Universidades sem nível hierárquico, pré-requisitos e conhecimento nivelado são essenciais para a valorização e autonomia dos seus participantes. Percebemos que, para melhor análise do perfil, a ficha de inscrição e os formulários devem sofrer algumas alterações. Essas sugestões serão repassadas para a UQ, caso queiram replicar para as seleções futuras.

Palavras-chave: Universidade das Quebradas; mapeamento; cultura; políticas culturais

SIRONI, Samanta Rita. **Mapeamento afetivo e criativo da Universidade das Quebradas no Rio de Janeiro**: Um estudo de caso sobre o perfil dos quebradeiros do ano de 2017. 86 p. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em linguagens artísticas, cultura e educação) – Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Nilópolis, RJ, 2018.

ABSTRACT

This work of conclusion makes one affective and creative mapping of the University of Quebradas in Rio de Janeiro in the year 2017. Analyzing the profile of future bruises both in the online application form, as well as in interviews and face-to-face forms, we noticed some interesting notes to be able to understand the relationship between art, culture and education. The University of Quebradas project is promoted by the Advanced Program of Contemporary Culture, an organ belonging to the University of Arts of UFRJ, supported by the UFRJ Agency of Innovation and in partnership with the Museum of Art of Rio (MAR), articulating to the academy with artists, activists and art educators from the peripheries, that is, it invests in the exchange and the mixing of knowledge between the community that produces culture outside the universities and the academic community to create new forms of knowledge and new artistic expressions. When analyzing the trajectories of the candidates, we visualized the demands, the tensions and the relation of their artistic craft in the State of RJ and the new role of the University. For these verifications we have examples of educational and cultural proposals such as: 1st Course of Popular Cultural Agents – 2009 – UFF / PROEXT MEC, Peripheries in the Scene – IFRJ – 2011 and the Culture Live Program. For the development of the project, the authors Antonio Albino Canelas Rubim and João Luiz Guerreiro Mendes, who focus on the relations of cultural policies and public policies in the area of culture, and the authors Boaventura Santos and Pierre Levy, with their contributions in the field of knowledge-emancipation and exchange of knowledge through affection, were of paramount importance. We conclude that the opening of innovative teaching proposals within Universities without hierarchical level, prerequisites and level knowledge are essential for the valuation and autonomy of its participants. We realize that for better analysis of the profile, the registration form and the forms must undergo some changes. These suggestions will be passed to the UQ, if you wish to replicate to future selections.

Keywords: University of Quebradas; mapping; culture; cultural policies

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACP – Agentes Culturais Populares

AP – Área de Planejamento

A.N.E – Área Não Especificada

FHC – Fernando Henrique Cardoso

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFRJ – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

MAR – Museu de Arte do Rio

MEC – Ministério da Educação

MinC – Ministério da Cultura

OiCult – Observatório da indústria Cultural

PACC – Programa Avançado de Cultura Contemporânea

PROEXT – Programa de Extensão Universitária

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

UQ – Universidade das Quebradas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: 1ª Feira de apresentações artísticas – Temática “Do cortiço à favela”.	37
Figura 2: Entrevista de seleção de quebradeiras – Edição UQ 2017, em que a autora participou da banca avaliadora.	39
Figura 3: Nacionalidade, Naturalidade e Região dos Quebradeiras	40
Figura 4: Estado, Região e Cidade dos Quebradeiras.....	42
Figura 5: Nuvem de palavras citadas pelos Quebradeiras	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Nível de escolaridade x Faixas etárias	45
Gráfico 2: Escolaridade x Gênero	46
Gráfico 3: Escolaridade x Faixa Etária x Gênero	47
Gráfico 4: Faixa etária x Área Educação.....	50
Gráfico 5: Faixa etária x Área Educação.....	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Projetos Culturais que os quebradeiros fazem parte	56
Quadro 2: Área de residência x Área de atuação no município do Rio de Janeiro.....	61

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Gênero dos Quebradeiras.....	41
Tabela 2: Idade dos Quebradeiras	41
Tabela 3: Onde residem em áreas de planejamento no município do Rio de Janeiro	43
Tabela 4: Escolaridade dos Quebradeiras.....	43
Tabela 5: Graduação ou Pós-Graduação.....	44
Tabela 6: Natureza da instituição de Ensino Superior.....	44
Tabela 7: Quantidade de áreas de atuação	47
Tabela 8: Quantidade de quebradeiras por áreas de atuação	49
Tabela 9: Quantidade de áreas de atuação “Nova Tabela”	49
Tabela 10: Quantidade de quebradeiras por linguagem artística.....	53
Tabela 11: Onde atuam em áreas de planejamento no município do Rio de Janeiro	54
Tabela 12: Quantidade de áreas de planejamento que atuam no município do Rio de Janeiro.....	55
Tabela 13: Onde atuam em regiões do Estado do Rio de Janeiro.....	55
Tabela 14: Faz parte de algum Projeto Cultural?	56
Tabela 15: Linguagem artística adotada no projeto cultural pelo quebradeiro.....	58
Tabela 16: Quantidade de linguagens artísticas abordadas no projeto cultural.....	59
Tabela 17: Local onde desenvolve o projeto cultural	59
Tabela 18: Natureza de atuação no projeto cultural pelo quebradeiro	60
Tabela 19: Como ficou sabendo das Quebradas?	61
Tabela 20: O que veio buscar na UQ?	64
Tabela 21: O que veio buscar na UQ? (2º motivo).....	64
Tabela 22: Como a arte atravessou sua vida? (Faixa Etária).....	65
Tabela 23: Como a arte atravessou sua vida? (Linguagem Artística).....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 NOVO PAPEL DA UNIVERSIDADE: 1º CURSO DE AGENTES CULTURAIS POPULARES – 2009 – UFF / PROEXT MEC	18
1.1 A FÁBULA.....	20
1.2 A PERVERSIDADE	21
1.3 A POSSIBILIDADE.....	23
2 INTERSEÇÃO MEC E MinC	26
2.1 COTAS	26
2.2 PROGRAMA CULTURA VIVA	38
2.3 PERIFERIAS EM CENA.....	32
3 NOVAS DEMANDAS, NOVAS RESPOSTAS: UQ – HISTÓRICO.....	35
3.1 ESTUDO DE CASO: UQ 2017.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS	73
ANEXO 1: FICHA DE INSCRIÇÃO EDIÇÃO UQ 2017 (1 ETAPA).....	76
ANEXO 2: FICHA DE AVALIAÇÃO DE ENTREVISTA (2 ETAPA)	79
ANEXO 3: FORMULÁRIO (3 ETAPA).....	80
ANEXO 4: MAPA DO BRASIL POR REGIÕES.....	81
ANEXO 5: MAPA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO REGIÕES	82
ANEXO 6: MAPA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO ÁREAS DE PLANEJAMENTO	83

INTRODUÇÃO

A Universidade das Quebradas – UQ é um “território de encontros” localizado na faculdade de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ que visa à troca de saberes dentro e fora da academia. Este território funciona como laboratório de tecnologias sociais, conforme define sua criadora Heloisa Buarque de Hollanda¹ no site <https://www.universidadedasquebradas.com/>, onde artistas, ativistas e produtores culturais das periferias da cidade do Rio de Janeiro e arredores trocam conhecimentos ligados ao campo da cultura com professores e pesquisadores. Esse compartilhamento dá-se através do afeto e sem nível hierárquico de conhecimento.

A periferia sempre foi “objeto de pesquisa” na academia, mas, por muitas vezes, sem representatividade, ou seja, ser descrito e praticado por seus moradores. Assim, a UQ quebra esse formato quando propõe que esses artistas descrevam suas vivências dentro da universidade como os próprios pesquisadores de suas histórias.

“O nome do projeto é Universidade das Quebradas porque a gíria ‘quebradas’, no Nordeste e em São Paulo, quer dizer lugar distante, periférico. É ainda uma alusão à necessidade de a universidade quebrar sua rigidez e se abrir ao popular” (HOLLANDA, 2016, p.1). Então, os participantes deste curso de extensão universitária são chamados de “quebradeiros”.

Ao participar do Laboratório de Tecnologias Sociais Universidade das Quebradas (UQ), em 2016, a autora e “quebradeira” percebeu a importância do projeto. Para Simmel (apud CASTRO, 2014, p.43), “Assim formulada, a 'sociedade' é certamente um conceito abstrato, mas cada um dos incontáveis agrupamentos e configurações englobados em tal conceito é um objeto a ser investigado e digno de ser pesquisado (...)”.

Entendemos a Universidade das Quebradas como um agrupamento digno de ser investigado por representar uma experiência de mediação entre várias dimensões (acadêmica x popular; formal x informal; moderno x tradicional).

O Laboratório de Tecnologias Sociais Universidade das Quebradas é uma

¹ “Heloisa Buarque de Hollanda, nasceu em Ribeirão Preto (SP), em 26 de julho de 1939. Formou-se em Letras Clássicas pela PUC-Rio, com mestrado e doutorado em Literatura Brasileira na UFRJ e pós-doutorado em Sociologia da Cultura na Universidade de Columbia, em Nova York. É diretora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/LETRAS/UFRJ), onde coordena os laboratórios: Laboratório de Tecnologias Sociais onde desenvolve o projeto Universidade das Quebradas e do Laboratório da Palavra, espaço experimental de articulação entre tecnologia e as expressões e práticas da palavra.” Disponível <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/>>. Acesso em 14.jun.2017.

experiência acadêmica na área da cultura que pretende consolidar um ambiente de troca entre saberes e práticas de criação e produção de conhecimento, articulando experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia. Este projeto pretende ser de duas vias: para as comunidades que estão produzindo cultura, mas não têm acesso à produção intelectual das Universidades, também para a comunidade acadêmica que denuncia carência similar em relação ao acesso a outros saberes e formações culturais fora da Universidade (QUEBRADAS, 2017).

A prova de importância desse curso como ambiente de estímulo à troca entre saberes e práticas de criação e produção de conhecimento, dentro de um território multidisciplinar artístico, é que a grande maioria dos quebradeiras continua participando das aulas na UQ (Universidade das Quebradas) mesmo após a conclusão do curso. Há pessoas que ocupam esse espaço desde a primeira edição e, segundo a coordenação pedagógica, a estimativa de circulação nesses oito anos ultrapassa 800 quebradeiras.

Castells (1999, p.22) entende por identidade o processo de construção de significado² com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.

Mensalmente ocorre uma grande roda de conversas conduzida pelos quebradeiras sobre temas de sua eleição, que apresentem similaridade ou compatibilidade com o tema das aulas ofertadas ou obstáculos que estão encontrando no curso. Nesse momento afetivo e de disposição sobre suas dificuldades sociais, culturais e espaciais, constatamos que a dificuldade de articulação entre os membros do Território das Quebradas é a ausência de um mapeamento. Um mapeamento que permitisse qualificar melhores horários de encontros, lugares de acessibilidade, busca de financiamentos, parcerias entre outros. O projeto Universidade das Quebradas existe há 8 anos. E, mesmo tendo um banco de dados, as informações são incompletas e com pouca funcionalidade operacional.

A autora participou desses encontros³ em 2016, entendendo, também, que esse mapeamento é importante para pôr em prática ações que viabilizassem as demandas requeridas pelos quebradeiras nas reuniões. No entanto, para melhor compreensão e análise destas demandas, o primeiro passo no mapeamento é traçar o perfil de quem faz parte do projeto em 2017.

Esse recorte foi estabelecido, pois seria inviável para autora analisar desde 2009 por

² Castells define significado com a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade de ação praticada por tal ator, o significado organiza-se em torno de uma identidade capaz de se autossustentar ao longo do tempo e do espaço. (1999, p. 23)

³ A partir desses encontros a autora produziu um vídeo com duração de 4:10 com falas de alguns quebradeiras que relatam sua relação com a UQ, no último depoimento a mestre quebradeira Renata Codagan cita que o mapeamento “Precisamos do mapeamento para entender essa rede que criamos [...]” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JwmPD_rxVxU>

questões de tempo e orçamento. No entanto, a partir dessa análise do perfil dos quebradeiras de 2017, se assim desejar pela equipe pedagógica do projeto e pelos quebradeiras, poderão eles aplicarem as sugestões que serão dadas neste trabalho para seleções futuras e, também, nas seleções anteriores. Já que a UQ tem um banco de dados das inscrições de todas as seleções.

Para Tuan (1983), o lugar é marcado por três palavras-chave: percepção, experiência e valores. Ao lugar, são atribuídos valores e significados. Os quebradeiras dão à Universidade das Quebradas valores e significados; criam-se laços de pertencimento e, através da proposta de um mapeamento afetivo e criativo, busca-se compreender melhor quem são as pessoas interessadas nessa proposta, pois, a partir desses dados, podemos pensar em articulações para pôr em prática ações coletivas dos quebradeiras.

Nesse sentido, mapear não é simplesmente fazer um mapeamento objetivo e sintomático, mas subjetivo e complexo, pois ali estão inseridas diferentes identidades e territorialidades. Cada quebradeiro compõem em si uma multiplicidade de tensões e conflitos.

Este trabalho será abordado em três capítulos sendo o primeiro o “Novo Papel da Universidade: 1º Curso de Agentes Culturais Populares – 2009 – UFF / PROEXT MEC”. Relata um breve contexto histórico de “abertura” no campo da cultura e do 1º curso de Agentes Culturais Populares em 2009 na Universidade Federal Fluminense – UFF.

No segundo capítulo “Interseção MEC e MinC – MEC: Cotas, novos estudantes; MinC: Programa Cultura Viva, 2º e 3º Cursos de ACP e Periferias em Cena”. Serão retratados casos de projetos e programas que trouxeram resultados positivos no campo da educação e cultura.

Finalizando com o terceiro capítulo, “Novas Demandas, novas respostas: UQ – Histórico”, contemplando o resultado da pesquisa proposta desse trabalho que é o mapeamento afetivo e criativo da Universidade das Quebradas no Rio de Janeiro: Um estudo de caso sobre o perfil dos quebradeiras do ano de 2017.

O que seria um mapeamento afetivo e criativo? A ideia do nome surgiu como “licença poética”, pois a troca de saberes na UQ perpassada pelo afeto e pelo criativo, pois, ao longo do trabalho, percebemos que a maioria dos candidatos trabalha com artes, área onde a criatividade sempre está presente.

Além da troca, algumas outras variáveis são eixos desta metodologia. O reconhecimento do papel do *afeto* e da percepção de uma cumplicidade de causa entre a equipe realizadora e os artistas e ativistas inscritos na UQ e o compromisso ING (Indivíduo não Governamental), ou seja, a responsabilidade de devolver socialmente o capital simbólico adquirido no Projeto (HOLLANDA; GUADARTTI;

FREITAS, 2016, p. 3).

Acreditamos que esse trabalho possa contribuir para o âmbito acadêmico, pois, ao saber quem busca o laboratório, podemos entender se essa prática da UQ está cumprindo com sua proposta que é a troca de saberes de diferentes níveis de conhecimento com pessoas de diversos locais. E, se de fato está, podemos fazer análises sobre as práticas de políticas públicas na área da cultura e seus reflexos, como, por exemplo, surgimento de projetos que visão à democratização do saber, como é o caso da Universidade das Quebradas.

E o que entendo como cultura vai muito além do âmbito restrito e restritivo das concepções acadêmicas, ou de ritos de liturgia de uma suposta “classe artística e intelectual” [...] Cultura com usina de símbolos de um povo. Cultura como um conjunto de signos de cada comunidade e de toda a nação. Cultura como o sentido dos nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos. Dessa perspectiva, as ações do Ministério da Cultura deverão ser entendidas como exercício de antropologia aplicada (GIL, 2003).

1 NOVO PAPEL DA UNIVERSIDADE: 1º CURSO DE AGENTES CULTURAIS POPULARES – 2009 – UFF / PROEXT MEC

Uma política cultural atualizada deve reconhecer a existência da diversidade de públicos, com as visões e interesses diferenciados que compõem a contemporaneidade. No caso brasileiro, temos a premência de reverter o processo de exclusão, da maior parcela do público, das oportunidades de consumo e de criação culturais. (CALABRE *apud* RUBIM, 2007, p. 99).

Diante dessa fala de Calabre (*apud* RUBIM, 2007), percebemos que uma política cultural bem elaborada possibilita ações importantes no campo da cultura e educação como o 1º Curso de Agentes Culturais Populares – 2009 – UFF / PROEXT MEC. Este curso surgiu a partir de um grupo de pesquisas na UFF, composto por professores e estudiosos do Observatório da indústria Cultural (OiCult)⁴. “Não queríamos mais ficar apenas em nossas salas com livros e artigos que falam da cultura popular e da indústria cultural. Nossa perspectiva era atuar nos espaços populares, dando vida para aquilo que conhecíamos como conceito.” (FACINA e PASSOS, 2015, p.1)

Financiado pelo edital Proext 2008 do MEC e coordenado pela Prof^a Adriana Facina, algo inovador ocorria na UFF. Esses encontros funcionavam semanalmente em uma sala de aula com o intuito de troca de saberes e discussões “entre as culturas e cotidianos das comunidades cariocas e as teorias acerca da produção cultural” (FACINA e PASSOS, 2015, p.2). E, desta vez, “teoria e prática” estavam juntos, pois a favela estava lá presente, com seus produtores culturais, seus fazedores de cultura, com seus artistas, que em sua grande maioria não eram frequentadores de universidades.

Após dois anos, o projeto do curso é novamente contemplado pelo edital Proext 2010, mas em outro lugar. Dessa maneira, o curso apodera outra instituição de ensino, IFRJ, que tem como coordenadora a Prof^a Pâmella Passos e agora intitulado Periferias em Cena. Nesta Instituição as aulas foram executadas no ano de 2011 (abril a agosto) com um encontro semanal. Mesmo podendo parecer pouco tempo, as professoras relatam o quanto foram intensos esses encontros, em que os alunos cada vez mais se interessavam e queriam participar de outros eventos no local, demonstrando todas as suas potencialidades. Isto gerou experiências, como organizações de festivais nesses espaços educacionais, tais como: “Festival Fala Favela (UFF)” e o “Festival Periferias em Cena IFRJ”.

⁴ OiCult “Somos uma equipe de pesquisadores sobre a indústria cultural e de produtores culturais, trabalhando coletivamente numa perspectiva contra-hegemônica. Estamos cadastrados como grupo de pesquisa no diretório de grupos do CNPq”. Disponível em: <<http://oicult.blogspot.com.br/>>. Acessado em: 18/12/2017.

Podemos interpretar que estes eventos oriundos do curso devem-se ao fato da metodologia de ensino aplicada.

Tanto na UFF quanto no IFRJ as aulas não eram monólogos. Os diversos colaboradores do curso apresentavam o conteúdo teórico das aulas, criando uma dinâmica dialógica para debate e troca com aqueles que mesmo sem uma capacitação formal já atuam na produção cultural das periferias. Assim, o que denominamos aqui de ensino formal, não apenas compreende, mas se rende aos saberes das periferias. (FACINA e PASSOS, 2015, p.2)

Assim, com variedade de temáticas discutidas, tais como Gestão cultural, Marketing cultural, Políticas culturais, Prática “oficinas e produção da intervenção cultural” entre outras, as aulas ultrapassavam as paredes da sala de aula, passando pelos corredores, os encontros em bares ou em eventos realizados pelos alunos em suas “quebradas”.

No artigo “Entre fábulas, perversidades e possibilidades: reflexões sobre cursos de agentes culturais populares” as professoras Adriana Facina e Pâmella Passos relatam suas vivências neste projeto que fazem a gente refletir sobre práticas culturais e educacionais que impactam a vida dos envolvidos, tanto de professores como de alunos.

O título do artigo, bem como o conteúdo dele, tem como base a visão do geógrafo Milton Santos sobre a globalização:

De fato, se desejamos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização (SANTOS, 2006, p.18).

O autor descreve globalização visto como fábula, quando um número expressivo de “fantasias” sendo constantemente reincidente torna-se verdade consumada em “uma base aparentemente sólida de sua interpretação”. Como exemplo o autor cita: “Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado” (SANTOS, 2006, p.18).

Já em globalização como perversidade, o autor relata que para a maioria das pessoas a globalização abriga, como uma “fábrica de perversidades”, o aumento de várias desgraças, tais como o desemprego, a pobreza, a fome que vem alastrando em diversos países.

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são diretas ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização (SANTOS, 2006, p.20).

E, por último, “O mundo como pode ser: uma outra globalização”. O autor finaliza com a possibilidade de mudança, tornando a globalização mais humana para que possamos ter um mundo melhor. E temos condições para isso, já que o planeta é habitado por uma “enorme mistura” de culturas, gostos, raças, em todos os continentes.

Como indício desse evento é “a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias” revelada como “sociodiversidade”, aliando esses fatos com a urgência de uma cultura popular que agora utiliza meios técnicos que, conforme o autor, antes privativos da cultura de massa (SANTOS, 2006, p.21).

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada homem (SANTOS, 2006, p.21).

Assim, entre fábulas, perversidades e possibilidades, conheceremos o projeto pelas vivências das professoras descritas no artigo.

1.1 A FÁBULA

“Faça um curso de como elaborar projetos e ganhe muito dinheiro com editais!” Assim, as professoras começam a descrever esse mito que transita na produção cultural, com destaque nas periferias. Nesta fala, lembramos quando chegamos ao primeiro encontro da UQ, onde cada aluno deveria “se descrever”, atuamos com contabilidade na área da cultura. Após essa rodada de apresentação, vários alunos vieram ao nosso encontro, dentre as falas, com a presença contínua da afirmativa “Agora meu projeto aprova, temos contadora”, o que de fato não correu. Mesmo ajudando em alguns projetos, “batemos da trave”, as perversidades do sistema, as burocracias que as autoras vão descrever no item 1.2.

No entanto, voltamos à fábula. O curso tanto na UFF (2009) e IFRJ (2011) teve uma procura enorme. Elas imaginavam 30 alunos, mas passaram de cem inscritos. O critério essencial da seleção foi a diversidade, tanto de localização, área artística de atuação, bem

como grau de instrução e faixa etária. Conseguiram formar um grupo heterogêneo, refletindo “a complexidade da cultura nas favelas e espaços populares” (FACINA, PASSOS, p.4)

Nesta diversidade de territórios, temos alguns exemplos como: Baixada Fluminense, favela da Rocinha, Cidade de Deus, complexos da Maré, do Alemão, Méier, Copacabana, entre outros. Oriundos de locais diferentes, mas com objetivos comuns: o desejo de aprender a “escrever projetos”, “adequar projetos para a lei Rouanet” e “prestar contas”, conforme relatam as professoras.

Para que a fábula não se perpetue, as professoras já nas entrevistas esclareciam que o curso de extensão com carga horária de 70 horas não daria conta desse tema sobre captação e financiamentos de projetos. Mas que as professoras queriam dar um passo a mais: incentivar a discussão sobre como atualmente é engessado e muito burocrático o financiamento na área da cultura. Questionar; pensar juntos! Logo, a pretensão era unir forças, formando uma rede de produtores culturais das periferias, sendo uma das pautas viabilizar as ações dos alunos.

Conforme Facina e Passos (2015, p.4), foram inúmeras propostas/experiências de cursos de agentes culturais e elaboração de projetos. Em 2014, como co-organizadores do “Seminário sobre métodos de formação de agentes culturais”, quatro experiências foram pautas de diálogo, duas são as experiências na UFF e IFRJ e as outras são o curso na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a turma do Observatório de Favelas⁵, mesmo com diferenças entre si, tais como: carga horária, público-alvo, porte do projeto, orçamentos. Todos tinham “como fio condutor uma visão crítica da realidade social e a concepção da cultura como uma prática social que pode estar inserida numa lógica de reprodução ou crítica ao *status quo*.”

1.2 A PERVERSIDADE

Neste item no artigo, Facina e Passos ratificam que as duas experiências foram financiadas pelo edital PROEXT / MEC / SETEC, mas consigo vieram implicações/limitações em que as professoras discutem para “problematizar a fábula do financiamento dos editais e sua perversidade de implementação”, conforme descrito por elas.

5 “O Observatório de Favelas é uma organização da sociedade civil de pesquisa, consultoria e ação pública dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos. Buscamos afirmar uma agenda de Direitos à Cidade, fundamentada na resignificação das favelas, também no âmbito das políticas públicas.” Disponível em: <<http://www.observatoriodefavelas.org.br/>> Acessado em: 18/12/2017.

O fato de ambos os projetos serem aprovados em 2008 e 2010 e somente ativarem as aulas em 2009 e 2011 confirma a demora de liberação da verba, mesmo sendo de baixo orçamento. Outros fatores, como a lentidão da chegada dos equipamentos técnicos em virtude dos procedimentos das licitações públicas e em 2009 não haver bolsas de estudos para os alunos implica diretamente na execução do projeto. Neste ano, 2009, houve uma evasão na turma, mas em 2011 reverteram esta questão, já que conseguiram bolsas de ajuda de custo para os alunos.

Essas situações também são vivenciadas pelos alunos em seus projetos sociais. Dentre as situações relatadas nos encontros, a dificuldade de entendimento dos editais e a prestação de contas foram as mais citadas.

Sobre esse assunto, conforme Facina e Passos (2015, p.7):

A esse respeito cabe destacar a política de “Pontos de Cultura” implementados pelo Ministério da Cultura (Minc) com objetivo de democratizar o acesso aos recursos da cultura. Tal iniciativa possibilitou que muitos grupos marginalizados pudessem ter acesso as verbas públicas pela primeira vez, no entanto, de forma perversa, não garantiram a estrutura de acompanhamento na execução e prestação de contas dos projetos (FACINA e PASSOS, 2015 p.7).

Como desdobramento, um número elevado de projetos com prestação de contas incorretas. Outro aspecto, conforme ressaltado pelas professoras, foi o abalo nas relações entre os membros dos coletivos artísticos após a execução de atividades as quais não estavam preparados e orientados adequadamente e ainda com poucos recursos. Esse diagnóstico foi feito pelas professoras em seus cursos no Estado do Rio de Janeiro. O que ficou claro no final do curso para os agentes culturais é que a elaboração escrita dos projetos, obrigatória na maioria dos editais, é a principal dificuldade.

A barreira de compreensão da linguagem dos editais não é tarefa fácil, mesmo para professores universitários. Essas situações percorrem todo o Brasil. Como contadora, fomos chamados para fazer uma prestação de contas de uma associação teatral que tinha ponto de cultura na cidade de Porto Alegre. Infelizmente, a prestação de contas já estava na etapa judicial, ou seja, o Estado ajuizou uma ação contra a associação de improbidade administrativa, uma vez que não foi prestada contas dentro do período estabelecido. Essa situação ocorreu por falta de conhecimento e orientação, já que era o primeiro edital contemplado pela associação. Logo, o evento gerou um ambiente de desconforto entre os integrantes, culminando no encerramento do grupo. Sabemos que o juiz aprovou a prestação de contas, mas o processo ainda está em andamento.

1.3 A POSSIBILIDADE

Nos três meses de aulas semanais do curso foram muitas histórias. Risos, choros, desentendimentos, amizades, perdas de alguns, chegada de outros. Enfim, vivemos esta experiência e formamos de fato um coletivo. Criamos nossas próprias redes com tramas muito diversas, tentando assim aprender o máximo possível, abrindo-nos para a mudança (FACINA e PASSOS, 2015, p.9).

Nesse relato, podemos acreditar que, a partir dos encontros, laços foram estabelecidos e outros fortificados, pois quando o curso acaba o elo não termina. E, sim, uma rede se estabelece tanto física como virtual. As professoras citam que um dos objetivos mais importantes do curso foi atingido que era consolidar uma rede de agentes culturais populares, unindo forças, troca de saberes e, assim, criando uma atmosfera de possibilidades para que os agentes juntos viabilizassem projetos com maior impacto em seus territórios. E segundo as professoras, essa rede está em pleno funcionamento.

A rede é, portanto, um espaço de relacionamento e, como tal, promove a interação entre os participantes. Tal interação representa, como é lógico afirmar, comunicação intensa. Mas, mais do que isso, implica a ocorrência de uma série vasta de influências recíprocas. No relacionamento, assim como na prática da comunicação, o que há é uma profunda troca de fluxos formadores e reguladores, na qual uns vão construindo, moldando, alterando impressões, idéias, visões de mundo, valores e projetos dos outros e vice-versa. Esse ambiente de troca e auto-regulação coletiva, baseado na comunicação, faz de uma coleção de elementos díspares um grupo, um todo orgânico, uma comunidade (MARTINHO, 2003, p.48).

Conforme Martinho (2003), a rede é necessariamente fruto de uma dinâmica de rede pré-existente. A operação em rede inicia-se a partir do momento em que, de forma deliberada, a rede é acionada. Esse acionamento faz com que a estrutura tácita na qual vivemos seja transformada, pela vontade humana, em um modo de organização.

Para suas discussões e compreensões sobre espaços populares e o termo favela, as professoras trazem uma citação de Bakhtin (2004):

(...) a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN *apud* FACINA e PASSOS, 2015, p.9)

Primeiramente, elas destacam que atribuem o termo espaço popular para lugares monetariamente prejudicados, em virtude da ausência de políticas públicas que assegurem princípios básicos de condição de vida, tais como: saúde, educação, habitação, saneamento básico, entre outros.

Após, explicam a opção, sobretudo, política do uso da palavra favela. Segundo as professoras, o termo favela tem como origem no início da República brasileira, ao voltarem do último combate contra o Arraial de Canudos. Os combatentes vencedores instalam-se no território que hoje é chamado Morro da Providência, aguardando a providência do Estado. Os soldados colocaram o nome do local de Morro da Favela, fazendo referência ao morro chamado *favella* que eles ocuparam durante o conflito na Bahia. O Morro da Providência é considerado a primeira favela do Rio de Janeiro, 1897.

A hipótese das professoras é:

[...] as favelas ainda são ocupadas por aqueles que aguardam a providência, ou ainda, o comprometimento do Estado. Tendo passado por um processo estigmatizante, o termo favela é considerado por muitos pejorativo, associado diversas vezes à pobreza e/ou violência, ou mesmo à falta de civilidade. Compreendemos, no entanto, que se trata de uma visão preconceituosa que não legitima as produções e patrimônios culturais de tais espaços. Afirmar o termo favela é afirmar uma história, uma resistência e também uma compreensão de que o Estado tem uma responsabilidade de atuar para além das sempre reinventadas políticas de contenção/repressão nesses espaços populares. E essa afirmação positiva do termo favela foi central nos festivais culturais que encerraram os cursos (FACINA e PASSOS, 2015, p.9).

Quando as professoras, junto com os alunos, elaboram projetos culturais que exaltam positivamente a favela, isso contribui para um novo olhar, principalmente para quem não mora na periferia. Quando a favela é retratada por seus moradores, ampliamos as reflexões e saímos da zona dos estereótipos. Em uma entrevista, Hollanda (2016) afirma que “[...] a produção cultural das periferias é muito sólida e específica, mas que a academia não costuma ouvi-la. O hip hop, por exemplo, é objeto de tese de antropólogo, mas os acadêmicos não aprendem de fato que tipo de visão de mundo e de cidade ele propõe.” Assim, para a autora, sua proposta na UQ não é ir até as periferias e sim trazê-las para dentro da universidade, no caso UFRJ, para que a academia sinta, veja e ouça essas culturas.

Retornando, as professoras Facina e Passos descrevem como foi para os alunos participarem da organização dos eventos culturais que finalizaram o curso, tendo uma pequena verba pública para viabilização. Alguns casos foram apontados, como, por exemplo, um agente cultural com mais de 30 anos de experiência e poucas vezes teve projetos contemplados com verbas de fomento. Outros reconheceram o potencial artístico dos seus projetos para além do valor social, devido à possibilidade de exercer com uma estrutura adequada, como iluminação de palco, técnicos profissionais, equipamento de som, etc.

No decorrer dos projetos, constataram que nenhum artista vivia unicamente de sua arte, tendo que recorrer a outras formas de sobrevivência, ou seja, em outras áreas de atuação.

Assim, elas concluem que o trabalho na arte não era uma questão financeira, mas sim existencial e, por vezes, política, indicando uma militância cultural que agrupava na prática cultura e cidadania.

O perfil dos alunos que chegavam até o final do curso, conforme constataram as autoras, “[...] era o de, na sua auto definição 'gente que faz muito com pouco'. Todos exerciam, em algum nível, trabalho voluntário, desenvolvendo atividades sem verba que não o próprio bolso ou somente com verbas esporádicas.” (FACINA e PASSOS, 2015, p.10)

Dentro do curso muito foi discutido sobre a democratização da cultura. A maioria dos educandos compreendia que esse processo vai além de criar equipamentos culturais na periferia ou da realização de eventos e espetáculos em grande porte oriundos de investimento público e privado sem participação de atores locais. A democratização da cultura é democratizar o acesso às verbas públicas destinadas à produção cultura.

Sua demanda é pela possibilidade do desenvolvimento de suas atividades de modo mais consistente e autônomo através do apoio público. E o apoio público é visto como fundamental para isso. Este permitiria, por exemplo, a independência em relação a “mecenas” que exigem em troca apoio político em campanhas eleitorais (políticos) ou transferência de direitos autorais (empresários musicais) (FACINA e PASSOS, 2015, p.11).

Para as autoras da Formação de Agentes Culturais Populares, o curso procurou contribuir nesse processo. Acreditamos que isso foi efetivamente alcançado, pois o intuito não era somente ensinar como “elaborar projetos”, mas contribuir para discussões e reflexões sobre políticas públicas e práticas coletivas. No decorrer da turma de 2009, conforme as professoras, três educandos tiveram seus projetos contemplados com o edital de pontos de cultura e iniciaram contato com a emaranhada trama burocrática. Entendemos que, com o curso, esses profissionais estiveram mais preparados para isso.

A cultura é fundamental para formação de pensamento crítico, construção identitária e quebra de preconceitos/estigmas geralmente ligados aos moradores de periferias. Logo, ter iniciativas como a Formação de Agentes Culturais Populares que auxiliam os agentes e seus projetos é necessário.

2 INTERSEÇÃO MEC E MinC

No capítulo 1 foram demonstrados os relatos das criadoras e coordenadoras do 1º curso de agentes culturais populares. Para darmos continuidade às reflexões, neste capítulo vamos descrever algumas ações de acesso à cultura e educação oriundas do MEC e Minc para entendermos as práticas de políticas públicas nesses dois campos.

2.1 COTAS

Cotas não são apenas reserva de vagas nas universidades. Trata-se de uma parte do que chamamos de ação afirmativa. Segundo Moehlecke (apud LIMA; NEVES; SILVA, 2014, p.1), o sistema de cotas é a prática mais conhecida de ação afirmativa que visa “estabelecer um determinado número ou percentual a ser ocupado em área específica por grupo(s) definido(s), o que pode ocorrer de maneira proporcional ou não, e de forma mais ou menos flexível”

O principal objetivo das ações afirmativas é dar um novo significado à noção de justiça social. No universalismo, criou-se a noção de que o “justo” é tratar todas as pessoas de maneira uniforme. O problema, porém, está no fato de que tratamento universal não significa tratamento igual. Se os(as) cidadãos(ãs) são desiguais, o resultado é a desigualdade. Na vida cotidiana, pessoas com diferentes recursos, não apenas financeiros, acabam tendo oportunidades e acessos diferenciados a direitos e serviços. Assim, as ações afirmativas estão de acordo com o artigo 3a da Constituição brasileira, que diz que o Estado é responsável pela construção da igualdade. (LOPES, 2008, p. 29)

Conforme Lopes (2008, p.34), “As ações afirmativas redefinem a concepção de mérito para as universidades [...]”. O autor descreve que, a partir das ações afirmativas, o processo torna-se mais inclusivo, pois a avaliação passa a considerar a história de vida dos candidatos que são carregados por marcas de superação, como, por exemplo, trabalhar e estudar simultaneamente.

Segundo o jurista Fábio Konder (apud LOPES, 2008, p. 35), “não há controvérsias em relação à constitucionalidade das ações afirmativas. A política não pode ser considerada contrária ao princípio da igualdade, já que tem por objetivo remediar situações desvantajosas de um determinado grupo.”

De acordo com Konder, é necessário distinguir a “desigualdade” da “diferença”:

A primeira é gerada no curso da vida social, criando relações de superioridade e inferioridade (pobreza e riqueza, por exemplo) no tocante ao respeito à dignidade humana, e, portanto, é imoral e inconstitucional. Já as diferenças dizem respeito à condição biológica das pessoas (a diferença entre os sexos, por exemplo) ou ao seu patrimônio cultural, como no caso das comunidades étnicas ou religiosas. (Konder apud Lopes, 2008, p.35)

Lopes (2008) baseia-se na Constituição Federal de 1988 que, segundo ela, estipula o princípio da igualdade, enunciado no art. 3º, inciso III, “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: III – Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais.” Logo, para a autora, a implementação das cotas para pessoas negras em universidade não contradiz com o princípio de igualdade definido pela Constituição, e sim, está totalmente em sintonia com o seu objetivo descrito no art. 3º, inciso I, “construção de uma sociedade livre, justa e solidária”.

A autora ainda afirma que a autonomia das universidades também é assegurada pela Constituição. Assim, as instituições educacionais têm liberdade de praticar o sistema de cotas, praticando a democracia de acessos aos seus cursos.

A inclusão de políticas de ação afirmativa, tanto no debate público como na pauta do governo, é uma conquista de segmentos do movimento negro que, há anos, denunciam a desigualdade social e racial no Brasil em vários setores: saúde, educação, mercado de trabalho, moradia, entre outros. Tratar de maneira diferenciada um grupo que teve menos oportunidades – e, portanto, está em situação de desvantagem – é uma tentativa de diminuir essas desigualdades, restituindo direitos há muito negados. Não é um privilégio. É, na realidade, o exercício da democracia, respeitando a diversidade étnico-racial da nossa população e revelando a forma desigual como essa diversidade tem sido tratada pelo Estado e pela sociedade brasileira ao longo dos séculos. (LOPES, 2008, p. 43)

Segundo Lima, Neves e Silva (2014), foi no governo de Fernando Henrique Cardoso em 1996 que houve uma abertura para conversas sobre a viabilidade de políticas de ação afirmativas. Porém, a pauta não foi adiante, regressando posteriormente através da pressão da sociedade e principalmente de movimentos sociais organizados. Os autores afirmam que em 2001 foram dados os passos iniciais para a efetiva implementação de reserva de vagas em instituições educacionais públicas, sendo, em 2001, aplicado nas universidades estaduais da Bahia, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul e em 2004 a Universidade de Brasília (UnB), a primeira universidade federal a adotar cotas para negros e índios. A partir desses eventos, paulatinamente, outras instituições de ensino no Brasil foram aderindo a esse processo.

Passados mais de 10 anos dessas ações, ainda há hoje tensas discussões sobre sua aplicabilidade ser devida ou não. No artigo de Santos, Marcarenhas e Schmitz (2011), essa situação é evidenciada por autores como Brandão que é contra e Munanga que é favor:

[...] a adoção do sistema de cotas para o ingresso das populações afrodescendentes nas universidades públicas brasileiras é, se vista como uma providência isolada do contexto socioeconômico brasileiro, uma medida paternalista, paliativa e artificial, visto que a maior discriminação é primeiramente social e depois racial. (BRANDÃO apud SANTOS; MARCARENHAS; SCHMITZ, 2011, p.3)

Os que condenam as políticas de ação afirmativa ou as cotas favorecendo a integração dos afrodescendentes utilizam, de modo especulativo, argumentos que pregam o status quo, ao silenciar as estatísticas que comprovam a exclusão social do negro. Querem remeter a solução do problema a um futuro longínquo, imaginando-se, sem dúvida, que medidas macroeconômicas poderiam, miraculosamente, reduzir a pobreza e a exclusão social. (MUNANGA, apud SANTOS; MARCARENHAS; SCHMITZ, 2011, p.3)

De acordo com Santos, Marcarenhas e Schmitz (2011), o argumento de Brandão manifesta o preconceito e a discriminação racial de forma velada. Outras pessoas contra o sistema de cotas utilizam como argumento a meritocracia e igualdade, como se todas as pessoas tivessem a mesma oportunidade e bastasse somente a força de vontade individual para alcançar suas metas. Para esse tipo de argumento, Lima, Neves e Silva (2014, p.13) afirmam “a preocupação central [...] é a sensação de ameaça de perda de privilégio de um grupo pela ascensão do outro, como refere Blumer (1958)”.

Entendemos que as cotas são fundamentais para a democratização ao acesso de ensino. Neste trabalho, evidenciamos a boa prática desta política pública no capítulo 3, onde na tabela 4: Escolaridade dos Quebradeiras foi constatado o avanço no ingresso de quebradeiras no ensino superior.

2.2 PROGRAMA CULTURA VIVA

Para poder compreender o Programa Cultura Viva, precisamos fazer um breve histórico das políticas culturais no Brasil até o período de abertura e “novo olhar” dessas políticas no país que entende pelo período de 2003/2010.

No Brasil, o conceito de cidadania cultural ganhou destaque com a Constituição de 1988. A cultura conquistou, naquele momento, um patamar de relevância política sem precedentes: foi reconhecida a importância do pleno exercício dos direitos culturais e a necessidade de garantir o acesso às fontes da cultura nacional conforme Plano Cultural do Ministério da Cultura. Apesar disso, a trajetória brasileira das políticas culturais produziu tristes tradições e enormes desafios. Estas tristes tradições podem ser emblematicamente sintetizadas em três palavras: ausência, autoritarismo e instabilidade (RUBIM, 2007).

Conforme Rubim (2007), a inauguração das políticas deu-se nos anos 1930 do século XX com alterações políticas, econômicas e culturais, apesar das limitações do “novo” regime.

Nessa circunstância, desenvolve-se o campo cultural e dois experimentos quase simultâneos inauguram as políticas culturais no Brasil, que são: a passagem de Mário de Andrade pelo Departamento de Cultura da Prefeitura da cidade de São Paulo (1935-1938) e a implantação do Ministério da Educação e Saúde, em 1930, e mais especificamente a presença de Gustavo Capanema à frente deste ministério no período de 1935 até 1938.

Com o fim da ditadura, a criação do Ministério da Cultura acontece em 1985 no governo Sarney; transformado em secretaria por Collor em 1990, novamente recriado em 1993 por Itamar Franco. Além disto, foram dez dirigentes responsáveis pelos órgãos nacionais de cultura em dez anos (1985-1994): cinco ministros nos cinco anos de Sarney; dois secretários no período Collor e três ministros no governo Itamar. O experimento neoliberal no país praticamente desmonta a área de cultura no plano federal. Acaba com o ministério, reduz a cultura a uma secretaria e extingue inúmeros órgãos. Em 1986, foi criada a chamada lei Sarney, primeira lei brasileira de incentivos fiscais para financiar a cultura, substituída em 1991 pela Lei Rouanet, no governo Collor de Melo (1992-1994) (RUBIM, 2012).

O Estado reduzia o financiamento direto e propunha que as verbas fossem buscadas no mercado. Só que este dinheiro em boa medida era público, decorrente do mecanismo de renúncia fiscal, ou seja, empresas privadas detinham nas mãos o poder de decidir sobre onde o dinheiro público seria aplicado, em um paradoxo de ausência e responsabilidade do Estado. Este modelo neoliberal expandiu-se em outras políticas de financiamento em estados e municípios, além de outras leis nacionais.

No governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), esta nova modalidade de ausência atinge seu ponto culminante. José Castello (*apud* RUBIM, 2012), avaliando o governo FHC, fala sobre a transferência do poder de deliberação de políticas culturais do Estado para as empresas e seus departamentos de marketing.

Foi apenas em 2003, na gestão de Gilberto Gil como Ministro da Cultura no governo Lula, que se observou uma mudança considerável nas políticas culturais em termo de atuação, visibilidade e representatividade, elucidado na abertura de editais em maior número e maiores incentivos financeiros, assinalando a visão do Ministro da Cultura Gilberto Gil em seu discurso de posse “formular políticas públicas de cultura é, também, produzir cultura”. A gestão de Gil (2003-2008), continuada por Juca Ferreira (2008-2010), mudou completamente o panorama das políticas culturais no País ao programar e promover uma política pública de

cultura baseada no diálogo com a sociedade e em um conceito mais amplo da cultura, o Procultura⁶.

Para Reis (2003, p. 140), “defender e preservar a identidade de um povo; democratizar o acesso à cultura é promover a diversidade cultural”; são os objetivos mais reconhecidos nas políticas culturais dos países. De acordo com Herrera (*apud* CHERQUES, 1981, p. 6), “As políticas culturais no nosso continente não podem ser enfocadas com frias respostas burocráticas a aparentes necessidades setoriais da sociedade ou do homem”. É por essa circunstância que o acesso à cultura num país deve ser projetado em diversos planos, que vão desde as grandes regiões até as pequenas comunidades, sendo assim democratizado. Assim, nas palavras de Chaui (2009, p.72), “uma nova política cultural precisa começar como cultura política nova, cuja viga mestra é a ideia e a prática de participação”.

Evidencia-se, através das ideias dos autores Cherques (1981), Reis (2003) e Chaui (2009), a importância de políticas culturais na preservação da cultura brasileira, mas para isso ela deve ser inclusiva, democrática e ter a participação dos representantes do Estado como também dos trabalhadores da cultura e da população nas tomadas de decisões para as práticas sociais no campo da cultura e da educação.

Uma iniciativa que percebemos com tais características é o Programa Cultura Viva, criado em 2004. Tem como pilar a parceria do governo em suas esferas federais, estaduais e municipais com a sociedade civil, na área da cultura. O programa visa:

a ampliação do acesso da população aos meios de produção, circulação e fruição cultural por meio do fomento e parceria com entidades/grupos/coletivos artísticos e de outros campos da expressão cultural. O programa tem como princípios: o estímulo ao protagonismo social na elaboração e na gestão das políticas públicas da cultura; a gestão pública compartilhada e participativa, amparada em mecanismos democráticos de diálogo com a sociedade civil; a construção de novos valores de cooperação e solidariedade, promovendo a cultura de Paz e a defesa dos Direitos Humanos; (MinC, 2013)

De acordo com Mendes (2013, p.50) o programa é “uma busca pela uma inversão na forma e no direcionamento dos recursos públicos federais em direção à demanda de grupos e movimentos socioculturais que, até então, não eram reconhecidos como produtores de

⁶ É um Projeto de Lei 6722 criado em 2010 já aprovado pela Câmara dos Deputados e atualmente aguarda avaliação do Senado. Seu objetivo é democratizar o acesso aos incentivos dados pela lei atual “Lei Rouanet” de uma forma mais diversa, inclusiva e comprometida com a realidade contemporânea da cultura brasileira, ou seja, teria princípios de diluição de recursos entre diversos projetos, inclusive considerando a concentração regional. Assim, estimulando projetos menores, que em sua grande maioria têm mais dificuldade para captar recursos.

cultura”. O autor destaca que o projeto **Ponto de Cultura** foi elaborado para auxiliar nas conversas entre Estado e a sociedade civil, sendo a ação prioritária do Programa Cultura Viva.

Conforme Minc (2003), o Ponto de Cultura é “a referência de uma rede horizontal de articulação, recepção e disseminação de iniciativas culturais. Como um parceiro na relação entre estado e sociedade [...]”. E, na construção dessa rede, possibilita-se unir agentes culturais que articulam e motivam uma série de atuações em suas comunidades.

Já os Pontões de Cultura visam encadear, mobilizar e desenvolver ações e dinâmicas de contatos entre os pontos de cultura. Para poder participar, os interessados devem fazer suas inscrições através de chamamento público da Rede do Programa Cultura Viva em seu estado ou município, normalmente feitos via editais. Isso se deve ao fato relatado por Mendes (2013, p.79):

Tendo sido formulado como uma política social onde a cultura atuava como uma forma de inserção social, o programa Cultura Viva atuava de forma indutiva. Ao buscar a interconexão entre os saberes culturais considerados populares e a comunidade local, os Pontos de Cultura eram reconhecidos como locais de preservação e reconstrução de uma identidade local sob a forma de adesão. Os editais públicos que estabeleceram a transformação destes espaços de construção desta cultura popular em Pontos de Cultura inicialmente estiveram a cargo do MinC. Com o desenvolvimento dos Pontos de Cultura, o Ministério da Cultura passou a atuar na busca de descentralizar administrativamente estas ações tendo como referência a municipalização desta atividade por supor que, ao ficar mais próximo do cidadão, o Ponto de Cultura poderia ser melhor gerido e os recursos melhor fiscalizados. A partir de 2007, as secretarias estaduais de cultura passaram a aderir ao Programa Cultura Viva e estabelecer ações dos Pontos de Cultura com recursos repassados pelo MinC. (MENDES, 2013, p.79)

Conforme o autor, o programa Cultura Viva, ao procurar reconhecer e instigar uma cultura popular, contribuiu para que as populações de baixa renda, comunidades indígenas, quilombolas, produtores culturais das periferias, ativistas, artistas, professores gerassem uma série de atividades para combater a exclusão social.

Segundo Koichiro (*apud* PORTO, 2008, p.7), “Um acesso desigual aos meios de expressão cultural, novos ou tradicionais, implica não somente uma negação do reconhecimento cultural, mas algo que afeta seriamente o sentimento de pertencimento.”

Acreditamos que o programa Cultura Viva, através principalmente dos pontos e pontões de cultura, contribuiu para o fortalecimento e potencialidade de manifestações culturais em todo Brasil. Foi uma iniciativa inovadora que possibilitou uma série de atividades artísticas que vão além do entretenimento, mas auxiliando na divulgação, reflexão e preservação de histórias culturais.

No entanto, Mendes (2013, p.81), em sua tese, elencou diversos entraves, tendo destaque uma delas, a questão burocrática:

De um lado, a diversidade cultural. De outro, um arcabouço jurídico único e inflexível. E, neste arcabouço, a principal forma de medição do cumprimento das metas é a prestação de contas. Junto com a prestação de contas, a comprovação, através de notas fiscais e recibos de prestação de serviço, dos gastos efetuados. (MENDES, 2013, p.81)

O autor relata que a maioria dos contemplados não tinha vivência em administrar um projeto formalmente, tendo em sua rede de parcerias fornecedores informais que impossibilitavam transações, já que não dispunham de notas fiscais. Alguns pontos ficaram inadimplentes e outros contrataram uma pessoa técnica especializada para poder administrar onde, na visão do autor, “resulta em despontencialização das ações que deveriam beneficiar as atividades” já que estamos falando de pequenas produtoras, associações e coletivos.

Essa mesma questão foi abordada pelas autoras Facina e Passos (2015):

Este é um desafio que está colocado para as políticas de dotação de verbas baseadas em editais. Se, por um lado elas são reconhecidas como avanço na distribuição mais equitativa nas verbas públicas para a cultura, por outro se fixam em formatos burocráticos tradicionais que dificultam o acesso de quem realiza atividades relevantes e de impacto, mas que não dominam tais códigos (FACINA e PASSOS, 2015, p.12).

Percebemos que esse tipo de problema perpassa por várias iniciativas, projetos e programas no campo da cultura. Sendo um fato consumado e rotineiro, o Estado deve rever essa situação para poder extinguir antecipadamente essas situações. Acreditamos que algumas alternativas podem ser viáveis como, por exemplo, liberação de concorrência desses editais para pessoa física e acompanhamento e treinamento para administrar os projetos.

2.3 PERIFERIAS EM CENA

No capítulo 1 foi evidenciado o 1º Curso de Agentes Culturais Populares – 2009 – UFF / PROEXT MEC, originado a partir de um grupo de pesquisa que dinamizou uma série de atividades importantes. Um dos seus desdobramentos foi a ampliação de territórios. Assim, o curso em 2011 foi executado no IFRJ, agora coordenado pela Profª Pâmella Passo. “Não eram apenas ‘favelados’ que estavam na Universidade, era um espaço de troca e debate entre as culturas e cotidianos das comunidades cariocas e as teorias acerca da produção e da indústria cultural” (PASSOS, 2012, p.26).

Conforme a autora, é com essa força que o curso chega a sua 4ª turma no Campus Rio de Janeiro do IFRJ, tendo aulas dinâmicas carregadas de entusiasmo, o que reverberava na troca de saberes, proporcionando um ambiente de reflexões e debates. Neste caldeirão de diversos, todos contribuíam, tendo capacitação formal ou não, pois a experiência das práticas de produção cultural nas periferias tem seu valor garantido.

Dessa maneira, Passos (2012, p.27) relata:

[...] o ensino formal, não apenas compreende, mas se rende aos saberes das periferias. Articulando ensino, pesquisa e extensão, a 4ª turma Periferias em Cena, também apoiada pelo Proext, agora na edição 2010, articulou, de maneira intensa, as três áreas de atuação da instituição.

A autora afirma que a potência desse trabalho vai além de uma formação de alunos preparados para atuar como multiplicadores.

A realização desse curso num contexto de expansão do IFRJ, com novos Campi em favelas cariocas, proporciona importantes reflexões acerca do ensino que queremos proporcionar nesses locais, recorrentemente, vistos como perigosos. Assim, o que originalmente brota da extensão, encontra frutífero diálogo com o ensino (novos cursos a serem pensados e propostos) e com a pesquisa (importante demanda de investigação sobre e com a cultura popular). (Passos, 2012, p.27)

De acordo com Porto (2008, p.5), “A cultura em sua atuação política e plural é capaz de situar cada um dos indivíduos de uma sociedade em um plano de igualdade com seus pares. Todos são capazes de produzir e pensar sobre as questões sociais, sobre si mesmo e todos são capazes de sonhar.”

São os agentes culturais populares contrariando a lógica individualista e competitiva da produção cultural burguesa, rompendo as cercas dos latifúndios culturais que destinam verbas públicas milionárias a poucos, em detrimento de muitos que poderiam fazer realmente a diferença. São esses os artistas, crias das favelas e periferias, que fazem brotar hoje as principais vanguardas artísticas de nosso país. É gente quem, ao mesmo tempo em que faz arte, inventa o amanhã (FACCINA, 2012, p.45)

Conforme as indagações de Passos (2012), Porto (2008) e Faccina (2012), percebemos que o acesso à informação, a oportunidade de ambiente para reflexão e estudo contribuíram para a produção de conhecimento e pensamento crítico.

Os capítulos 1 e 2, através de seus exemplos de projetos culturais que viabilizam a democratização do ensino e da cultura elevando a possibilidade de reflexão sobre o nosso cotidiano que é afetado diariamente pelas políticas públicas, pelas oportunidades de acesso, pelas perspectivas, vimos que, sim, através do coletivo, podemos criar, reivindicar, trocar e,

acima tudo, devemos querer que as mudanças continuem para que possamos ter uma sociedade mais justa para todos, independente de suas origens.

A partir dessas contribuições, vamos ao capítulo 3, que é o nosso objeto de pesquisa: o Mapeamento afetivo e criativo da Universidade das Quebradas no Rio de Janeiro: Um estudo de caso sobre o perfil dos quebradeiras do ano de 2017.

3 NOVAS DEMANDAS, NOVAS RESPOSTAS: UQ – HISTÓRICO

O Laboratório de Tecnologias Sociais Universidade das Quebradas (UQ), coordenado pelas professoras Heloisa Buarque de Hollanda e Maria do Socorro Brito Araujo, foi criado em 2009 a partir da tese intitulada “NAS QUEBRADAS DA VOZ: O lugar e a mãe na crônica poética do rap” elaborada pela Dra. Maria do Socorro Brito Araujo com orientação da Dra. Heloisa Buarque de Hollanda. Foi uma tentativa de estabelecer um diálogo entre formas de saberes diferenciados, tanto quanto ao seu repertório quanto ao próprio processo de aprendizado de cada um desses diferentes níveis de participantes. Percebendo a potencialidade da troca dentro do sistema universitário, surge a Universidade das Quebradas, focada no diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes vernaculares em curso nas periferias das grandes cidades.

A Universidade das Quebradas é um lugar de encontro entre artistas, produtores culturais, multiplicadores e a academia, que procura investir na troca e na mistura desses saberes para criar novas formas de conhecimento e novas expressões artísticas. O projeto é promovido pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea, órgão que pertence à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e à Pró-reitoria de Extensão da UFRJ, apoiado pela Agência UFRJ de Inovação e em parceria com o Museu de Arte do Rio (MAR).

Trata-se de um projeto que toma como princípio norteador o potencial emancipador das ações. O que nos leva ao encontro do conceito de conhecimento-emancipação de Boaventura Santos (2001). “O autor considera como emancipador aquele conhecimento que pensa as consequências de seus atos, em que a relação sujeito-objeto é substituída pela reciprocidade entre os sujeitos nas relações de solidariedade”, conforme relata Hollanda, Guadartti e Freitas (2016, p. 1)

Segundo Hollanda, Guadartti e Freitas (2016, p. 1), os objetivos da UQ são:

- 1 - Produzir um campo de forças, que abrigue diferentes modos de conhecimento e metodologias que expandam e reinventem mutuamente o patrimônio acadêmico bem como a expansão do artista que se encontra distante dos recursos e centros de produção hegemônicos.
- 2 - Criar um espaço que potencialize bons encontros, segundo Espinoza, encontros carregados de afetos, tomados pela alegria.
- 3 - Problematizar, compartilhar e experimentar *com* é uma condição primordial para produzir o conhecimento, sair do perímetro do conhecido, e se deixar atravessar pelos acontecimentos.
- 4 - Desenvolver um processo de ensino aprendizagem emancipatório.

A metodologia aplicada na UQ é experimental. Logo, maleável em virtude das respostas dos integrantes seguindo o conceito de *ecologia de saberes* por Felix Guattari e Boaventura de Souza Santos. “Por *ecologia dos saberes* estes autores entendem o equilíbrio sistêmico entre as diversas formas de saberes vernaculares e acadêmicos, e a longa trajetória histórica de silenciamento de certos saberes não formais por outras formas dominantes de conhecimento.” (HOLLANDA; GUADARTTI; FREITAS, 2016, p. 3).

O curso tem aproximadamente um ano de duração e acontece em dois módulos semestrais. O primeiro semestre na Faculdade de Letras (UFRJ), no qual se discute a literatura brasileira e suas conexões com a periferia; e o segundo semestre no Museu de Arte do Rio (MAR) sobre práticas artísticas, com apresentação final de trabalhos dos quebradeiros criados no decorrer do curso influenciados pelas discussões. No entanto, mesmo quando o curso acaba, você continua sendo Quebradeiro, “Uma vez Quebradeiro sempre Quebradeiro” esse é o lema.

O programa é definido em torno de dois eixos principais antiguidade e contemporaneidade, abordando os seguintes campos: filosofia, literatura, teatro, artes visuais, arquitetura, dança, música, cinema e arte digital. O programa tem ainda um compromisso com o multiculturalismo e aborda esses campos a partir das culturas: europeias, latino-americanas, africanas, asiáticas e indígenas. Esse compromisso tem se revelado cada vez mais importante, porque responde ao conceito primeiro do projeto: a ecologia de saberes. (HOLLANDA; GUADARTTI; FREITAS; 2016, p. 4).

As aulas são feitas por professores da UFRJ e também professores convidados de outras universidades, associadas ao *território das quebradas*, seminários ofertados pelos estudantes sobre historicidade das comunidades em que vivem arte e cultura da periferia. Assim, reatando o equilíbrio sistêmico de uma ecologia de saberes, “trabalhamos baseados na *troca de conhecimentos*, numa *produção compartilhada de conhecimento* e na afirmatividade do que Pierre Levy nomeou como *inteligência coletiva*” (HOLLANDA; GUADARTTI; FREITAS, 2016, p. 3).

O quadro funcional da UQ é composto por duas coordenadoras gerais que são Heloisa Buarque de Hollanda (Professora emérita da UFRJ e coordenadora do PACC) e Maria do Socorro Brito Araujo (Pesquisadora Associada do PACC), por um técnico de assuntos educacionais lotada no PACC que realiza a coordenação pedagógica da UQ, por uma equipe 6 antigos quebradeiros de edições anteriores que auxiliam de forma voluntário, eles são denominados Mestres Quebradeiros e por 5 bolsistas de iniciação científica ofertadas pela Pró-Reitoria de extensão da UFRJ.

A UQ ganhou edital de apoio da FAPERJ em 2010 ano que a fundação comemorou 30 anos e teve patrocínio da empresa Petrobras pelo período de 2012 até 2015, após o encerramento da parceria não houve outro mantenedor. Em 2017 a UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura viabilizou as camisetas. As bolsas de iniciação científica ofertadas pela Pró-Reitoria de extensão da UFRJ são desde 2010, sendo que no período de 2010 a 2016 foram ofertadas 10 bolsas e em 2017 esse número caiu para 5 bolsas.



Figura 1: 1ª Feira de apresentações artísticas – Temática “Do cortiço à favela”.
Fonte: Marcelo Ostachevski, 2016.

“Inteligência coletiva é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LEVY, 2000, p.28). O suporte e a meta da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento recíproco das pessoas.

Conforme relatado por Hollanda, Guadartti e Freitas (2016, p. 3), além da troca de saberes, o afeto tem papel metodológico importante no cotidiano dentro da UQ.

O reconhecimento do papel do *afeto* e da percepção de uma cumplicidade de causa entre a equipe realizadora e os artistas e ativistas inscritos na UQ e o compromisso ING (Indivíduo não Governamental), ou seja, a responsabilidade de devolver socialmente o capital simbólico adquirido no Projeto. Durante toda a duração do projeto distribuimos formulários para os alunos avaliarem os resultados de nossa metodologia, e, em função das repostas a esses formulários, tentamos “realinhar” nossas ações. É essa flexibilidade e disposição para a mudança recorrente, associada ao compromisso com o compartilhamento de saberes, o diferencial inovador deste projeto (HOLLANDA; GUADARTTI; FREITAS, 2016, p. 3).

Para participar da UQ, o interessado deve inscrever-se no site do programa através do preenchimento de formulário eletrônico que, além dos dados pessoais tais como endereço, número de documento de identificação, são solicitadas informações de atuação em artes, experiências e participações em projetos sociais. Após essa etapa, há uma entrevista feita com o comitê de seleção da UQ, que verifica o perfil do candidato, suas expectativas e seu interesse pelo projeto.

Os candidatos aprovados no primeiro dia de aula são recepcionados com a “Chegança”. Este é um evento de abertura, onde antigos quebradeiros e a equipe pedagógica recepcionam os novos participantes. Durante a confraternização são apresentadas intervenções artísticas para “quebrar o gelo”, fazendo com que os novos quebradeiros citam-se pertencentes ao território quebradeiro.

As aulas são ministradas uma vez por semana, sempre as terças-feiras durante o dia todo (período da manhã e tarde) com intervalo para almoço e lanche. Intercalando aulas dos professores, palestras com convidados e seminários dos quebradeiros, também tem o território do encontro. Este tem como característica a formação de redes, onde os quebradeiros ficam em torno de 1 hora conversando e apresentando seus projetos, criando um ambiente para possíveis articulações de projetos.

O site da UQ tem um papel importante no cotidiano dos quebradeiros, pois no conteúdo da página eletrônica constam dicas de eventos, editais, notícias, entrevista com quebradeiros, disponibilização de aulas, elas são gravadas e também há espaço para divulgação dos projetos pessoais e profissionais dos participantes.

No final do curso, o aluno recebe uma certificação de conclusão e há uma celebração nesse dia que é o último encontro. Após a conclusão, o aluno pode tornar-se mestre quebradeiros.

Um dos traços mais interessantes do comportamento dos quebradeiros é o retorno a UQ depois da obtenção do seu certificado, ou seja, a volta depois de concluído o curso. Isso denota o sucesso de um ponto importante do conceito e das atividades das Quebradas, que é a ideia de *pertencimento*. Para lidar com essa volta espontânea, criamos a categoria Mestre Quebradeiro para alguns ex-alunos selecionados por seu desempenho e por esse sentido de pertencimento. Os Mestres Quebradeiros, dez por ano, tornaram-se parceiros e monitores das Quebradas. (HOLLANDA; GUADARTTI; FREITAS, 2016, p. 6).

3.1 ESTUDO DE CASO: UQ 2017

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou

uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA, 2002, p. 33).

Neste estudo de caso a pesquisadora não pretende intervir diretamente nos processos do objeto durante sua pesquisa. No entanto, ao final da análise deste trabalho a mesma pode trazer contribuições para UQ. E, caberá a coordenação pedagógica e seus membros à aplicabilidade das recomendações se acharem oportunas.

Na modernidade, os mapas foram elaborados originalmente para facilitar e legitimar as conquistas territoriais, definir o Estado como uma entidade espacial e construir nacionalismos pós-coloniais. A sociedade nunca teve a oportunidade de construir seus mapas, suas cartografias. As bases cartográficas e os mapas geralmente são produzidos por técnicos especializados, sob o interesse de instituições públicas e privadas (ACSELRAD, 2011, p. 4).

Segundo Acselrad (2013, p.7), “No mapeamento social, as comunidades representam o seu mundo a seu modo”. O mapa social é um permanente processo de construção simbólica e afetiva.

A participação na construção do mapa é uma forma de fortalecer a mobilização de grupos, que se apropriam de uma ferramenta, a cartografia, para uso de seus interesses. E a participação dos grupos mobilizados não se restringe a confecção dos mapas, pois a partir do processo de construção de mapas, demandas são fortalecidas e há o reconhecimento de direitos, o que pode direcionar estratégias de atuação coletiva (PLESSMAN, 2013, p.7).

O mapeamento participativo das ações sociais que o homem realiza no espaço, contribui para compreendermos o mapa como instrumento de lutas e representação social. Mapear é antes de tudo representar. E as representações podem ser construídas de forma integrante, participativa, coletiva. Neste trabalho a coleta de dados foi feita pela pesquisadora e por quebradeiras voluntários no momento da seleção dos candidatos, já o mapeamento com as análises foi elaborado somente pela pesquisadora por questões de orçamento e tempo. No entanto, a partir dessa prática o intuito da pesquisadora é que para os próximos anos o mapeamento seja elaborado pelos próprios quebradeiras utilizando como base metodológica a cartografia social.

Ao longo do trabalho foram apresentadas as motivações, relevâncias e justificativas para o projeto da autora. Como relatado, ela participou da UQ 2016 percebendo a necessidade

do mapeamento. A UQ existe desde 2009. Fazer um mapeamento desde sua criação teria implicabilidades de orçamento e tempo. Logo, fizemos um recorte temporal e de seleção dos participantes. Nesse capítulo será disposto o recorte, a metodologia e as análises.

O primeiro passo foi participar da banca de seleção UQ 2017, já que o recorte da nossa proposta de pesquisa é o perfil dos novos integrantes desse ano. Nesse momento, pudemos interagir com os participantes, conhecer brevemente suas trajetórias, suas expectativas e o que eles imaginavam que é Universidade das Quebradas.



Figura 2: Entrevista de seleção de quebradeiros – Edição UQ 2017, em que a autora participou da banca avaliadora.
Fonte: Marcelo Ostachevski, 2017.

As inscrições foram de 05/01/2017 até 01/03/2017. As entrevistas foram nos dias 07, 08 e 09 de março/2017. O resultado foi divulgado dia 17 de março/2017 e as aulas começaram dia 28/03/17 com previsão de encerramento dia 28/11/17, sendo sempre semanalmente nas terças-feiras das 09h00min até 18h00min com intervalo de 1 hora de almoço.

A primeira etapa era a inscrição pela internet, preenchendo uma ficha (ANEXO 1). A segunda e terceira etapa eram feitas no mesmo dia, consistindo numa entrevista (ANEXO 2) seguida do preenchimento de um formulário (ANEXO 3). O número de inscrições via internet foi de 224 inscritos, sendo 52 inscrições de antigos⁷ quebradeiros e 172 inscrições de novos quebradeiros. Para o nosso estudo de caso, como já mencionado, optamos em avaliar somente

⁷ Os antigos quebradeiros poderíamos participar novamente do curso, mas teriam que fazer a inscrição via internet obrigatoriamente. No entanto, estavam dispensados da segunda (entrevista) e terceira (formulário) etapa.

as inscrições de novos quebradeiras aprovados e que passaram pelas 3 etapas de seleção.

Das 172 candidaturas, compareceram para a segunda e terceira etapa 91 inscritos e desse número foram 2 candidatos reprovados e 1 desistência⁸, ficando num total de 88 aprovados. No entanto, 11 candidatos foram retirados da pesquisa, pois não cumpriram alguma etapa na seleção, inviabilizando a análise do perfil. Nesse total de 11 candidatos aprovados, 3 não se inscreveram pela internet (1 etapa); 4 não preencheram o formulário (3 etapa); e 6 conjuntamente não fizeram a entrevista (2 etapa) e nem preencheram o formulário (3 etapa). Assim, resultaram 77 aprovados. Em nossas análises eles serão denominados “quebradeiras”⁹.

Percebemos nesse primeiro momento que houve complicações na forma de organização da seleção. Não podemos afirmar com precisão todos os motivos, mas alguns que acreditamos que contribuíram foram: aceite de inscrições feitas via e-mail fora do prazo, candidatos que não comparecerão no dia pré-agendado para entrevista fazendo-a em outra dia da seleção, entrevistar pessoas que apareceram na seleção mas não tinham se inscritos pelo formulário via internet (anexo 1), não entrega do formulário (anexo 3) ao final da entrevista para os candidatos preencherem.

A banca de avaliação foi formada por mestres quebradeiras e por quebradeiras de edições anteriores. Sendo, que alguns estavam participando pela primeira vez de uma banca de seleção o que possibilita haver equívocos.

Apesar desses motivos apresentados, um fator importante para levar em consideração que foi exposto de uma forma “extraoficial” entre os participantes da banca avaliadora é que todos os inscritos são aprovados, salvo somente os candidatos que busquem algo totalmente diferente daquilo que a UQ se propõe a oferecer ou que apresentem risco de segurança para os quebradeiras.

Nesse sentido, essa informação contribuir para entendermos o porquê não tem um número específico de vagas ofertadas, o porquê somente duas pessoas foram reprovadas na seleção e também porque foi aceito inscrições fora do prazo. Acreditamos para que não haja futuramente desacertos os critérios de avaliação devem ser claros para todos os componentes da banca, bem como fazer treinamento que contemple preenchimento de documentações, quanto tempo deve ser uma entrevista, entre outros.

Com os dados coletados, revisados e tratados no programa SPSS¹⁰, podemos fazer as

⁸ A candidata foi aprovada, mas antes de começar as aulas informou sua desistência.

⁹ “Quebradeiras” é o título de quem é aprovado na seleção.

¹⁰ É um programa de computador utilizado para banco de dados e elementos estatísticos. Empregado pelas

seguintes análises:

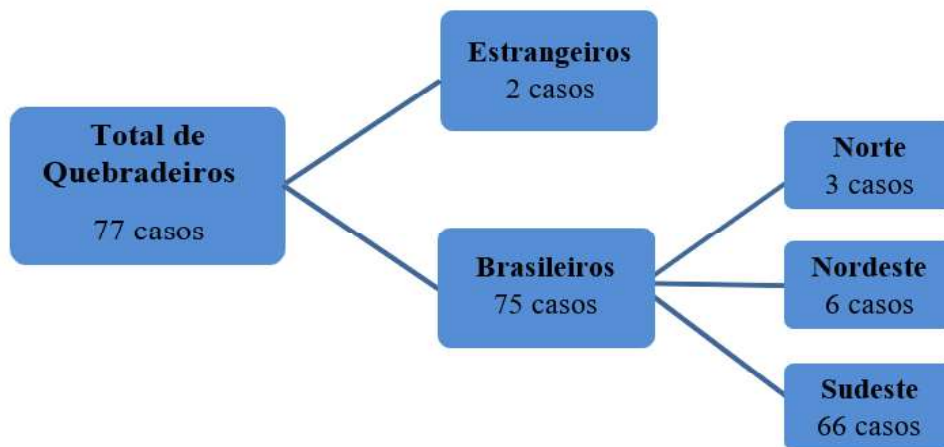


Figura 3: Nacionalidade, Naturalidade e Região dos Quebradeiras

Fonte: Elaboração própria¹¹

Na figura 3, podemos perceber que há o interesse pelo projeto por 2 estrangeiros, sendo uma francesa da cidade de Paris e um moçambicano da cidade de Xai-Xai. Ambos vieram ao Brasil para estudar no campo da cultura. Atualmente ela estuda mestrado em artes na UFRJ e ele doutorado em antropologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. No quesito regional, a grande concentração de quebradeiras é da região sudeste num total de 66 casos; dentre eles, 55 são naturais da cidade do Rio de Janeiro, ou seja, 77% dos quebradeiras nasceram na mesma cidade onde originou a UQ.

Tabela 1: Gênero dos Quebradeiras

Gênero	Frequência de casos
Feminino	45
Masculino	32
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 1, percebemos que o gênero feminino tem maior procura para participação na UQ, mas que em sua totalidade há um equilíbrio de proporcionalidade de 58% gênero feminino e 42% gênero masculino.

Ciências Sociais para análises diversas, também é utilizado por outras áreas e casos, como análise de mercado.

¹¹ Íris Medeiros -Pesquisadora responsável pela formatação de algumas figuras, tabelas e gráficos no decorrer desse trabalho.

Tabela 2: Idade dos Quebradeiros

Faixas etárias	Frequência de casos
19 - 24 anos	16
25 - 35 anos	35
36 - 45 anos	14
46 - 55 anos	7
56 - 65 anos	4
Missing	1
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 2, ao analisarmos as faixas etárias, percebemos que a grande concentração de quebradeiros está na segunda faixa de 25 – 35 anos com 35 casos. Nesses 35 casos, houve um equilíbrio de quantidade por idade oscilando em 3 e 4 quebradeiros (Idades: 25, 26, 27, 30, 33, 34 – 3 quebradeiros para cada idade); (Idades: 28, 29, 35 – 4 quebradeiros para cada idade) e (Idade: 35 – 5 quebradeiros). E, se cruzarmos gênero versus idade, somente na quarta faixa de 46 – 55 anos o gênero masculino ultrapassa, tendo 4 homens e 3 mulheres.

Para refinar a análise do perfil, tomamos como base o Censo¹² de 2010 do IBGE que considera jovem na faixa etária de 15 a 29 anos¹³. Assim, dos 77 casos, 33 são jovens numa representação de 43%, o que nos causou espanto, pois acreditávamos que o público mais interessado era a juventude.

Concluindo que o perfil de busca do ano de 2017 é composto por: 43 adultos (57%), 33 jovens (43%), tivemos 1 caso de *Missing*¹⁴, pois o sistema de inscrição pela internet (1 Etapa) permitia que o usuário colocasse manualmente a data de nascimento, a qual foi colocada o ano 2017. Nesse sentido, vimos o quanto é necessário que esse item seja parametrizado para somente escolher a data e não ser digitado.

¹² O Censo é uma pesquisa estatística, geralmente, ocorre de dez em dez anos, feita pelo IBGE. Nesse estudo, a população do país é analisada através das inúmeras informações recolhimento nesse processo, tais como número de mulheres, crianças, grau de escolaridade, onde vivem, entre outras.

¹³ “Ao longo destes últimos nove anos em que o Estatuto da Juventude tramitou na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, firmou-se um entendimento de que a população jovem compreenderia as pessoas com idade de 15 a 29 anos. Compreensão semelhante orientou o governo federal a sancionar a Lei 11.129/2005, que criou a Secretaria e o Conselho Nacional de Juventude, com responsabilidades sobre as políticas públicas voltadas “aos jovens na faixa etária entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos, ressalvado o disposto na Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente.”” Texto extraído do site: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=99028&pIdPlc&app=salanoticias>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

¹⁴ *Missing* é ausência de dados.

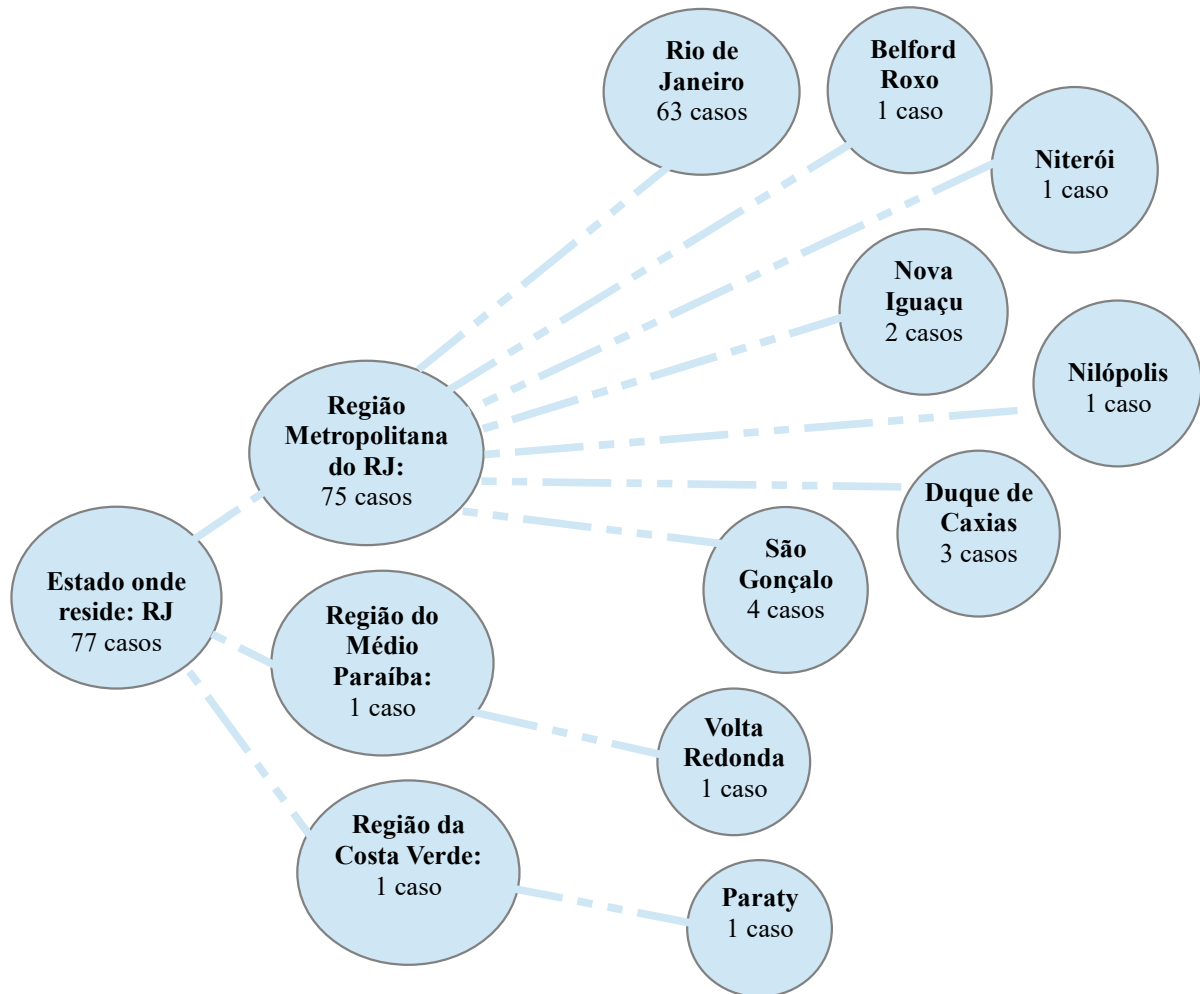


Figura 4: Estado, Região e Cidade dos Quebradeiras
Fonte: Elaboração própria

Na figura 4, a maioria reside na cidade do Rio de Janeiro com 63 casos equivalentes a 82%. No entanto, mais oito cidades são contempladas com 14 casos, sendo, quatro cidades compostas por Belford Roxo, Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu, que representam a Baixada Fluminense¹⁵, e Niterói e São Gonçalo.

No quesito deslocamento a UQ ofertava ajuda de custo para as passagens dos quebradeiras das edições 2012 até 2015. Neste período o laboratório dispunha do patrocínio da empresa Petrobras, após o rompimento do contrato não houve outro incentivador. Portanto, foi cortado esse auxílio dos participantes afetando diretamente o quesito frequência nos encontros.

Um dado interessante é que acreditávamos somente no interesse de quebradeiras residentes na região metropolitana em virtude do deslocamento. No entanto, nessa edição teve

¹⁵ Baixada Fluminense é composta pelas seguintes cidades: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

dois casos em que houve expansão de território: Volta Redonda (Região do Médio Paraíba) e Paraty (Região da Costa Verde). As regiões de Médio Paraíba e Costa Verde também são tratadas por alguns órgãos como Sul Fluminense.

Tabela 3: Onde residem em áreas de planejamento no município do Rio de Janeiro

Área de Planejamento	Frequência de casos
1	6
2	14
3	24
4	6
5	12
Não se aplicam	14
Missing	1
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 3, podemos constatar que o programa UQ abrange todas as áreas de planejamento – AP's da cidade do Rio de Janeiro (ANEXO 6). Nesse sentido, a UQ atinge uma de suas metas, que é a troca de saberes em todas as AP's do Rio de Janeiro.

Na área de planejamento – AP 3 - que compreende as regiões Anchieta, Complexo do Alemão, Ilha do Governador, Inhaúma, Irajá, Jacarezinho, Madureira, Maré, Méier, Pavuna, Penha, Ramos, Vigário Geral - tem o maior número de casos com 24 itens contabilizados.

Nessa análise da tabela 3 tem 1 item intitulado “Não se aplicam” com 14 casos que são quebradeiros que moram em outras cidades. Eles foram mostrados anteriormente na figura 4. Houve um caso de *Missing* referente ao quebradeiro nº 74, que não informou o dado. Ressaltamos a necessidade que o sistema de inscrição pela internet (1 Etapa) tenha uma trava para alertar o usuário.

Tabela 4: Escolaridade dos Quebradeiros

Áreas	Frequência de casos
Fundamental incompleto	1
Médio ou técnico incompleto	5
Médio ou técnico completo	11
Superior incompleto	31
Superior completo	16
Pós-graduação (<i>lato sensu</i> , mestrado ou doutorado)	12
Missing	1
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

A tabela 4 apresenta o interesse pelo projeto em todas as faixas. Neste sentido, um dos objetivos da UQ pode ser atingido, que é a troca de saberes em diferentes níveis de conhecimento. No entanto, somando Superior Incompleto com Superior Completo e Pós-graduação, temos 77% dos quebradeiras, o que demonstra grande concentração nos níveis finais do Ensino Formal, tendo na faixa 4 (Superior Incompleto) o maior número com 31 casos equivalente a 40%.

Houve um caso de *Missing* referente ao quebradeiro nº 60, que não informou o dado. Ressaltamos a necessidade de que o sistema de inscrição pela internet (1 Etapa) tenha uma trava para alertar o usuário.

Tabela 5: Graduação ou Pós-Graduação

Áreas	Frequência de casos
Humanas	54
Exatas	1
Biológicas	1
Não se aplicam	17
Missing	4
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 5, nota-se que majoritariamente os quebradeiras são da área de humanas, tendo 54 casos (90%) – não considerando os casos de “Não se aplicam”. Diversas áreas como Moda, Filosofia, Produção Cultural, Pedagogia, História da Arte, Artes Cênicas, Geografia, Serviço Social, Dança, entre outros, foram apontados na análise, tendo somente um caso na área exata (Informática) e um caso na área biológica (Psicologia).

Tivemos quatro casos de *Missing* referentes aos quebradeiras nº 30, 55, 56 e 68, que não informaram. Ratifica-se a necessidade de que o sistema de inscrição pela internet (1 Etapa) tenha uma trava para alertar o usuário. Nessa análise da tabela 5, tem um item intitulado “Não se aplicam” com 17 casos que são quebradeiras que não fazem graduação ou pós-graduação. Eles foram mostrados anteriormente na tabela 4.

Tabela 6: Natureza da instituição de Ensino Superior

Instituição	Frequência de casos
Pública	33
Privada	22
Não se aplicam	17
Missing	5
TOTAL	77

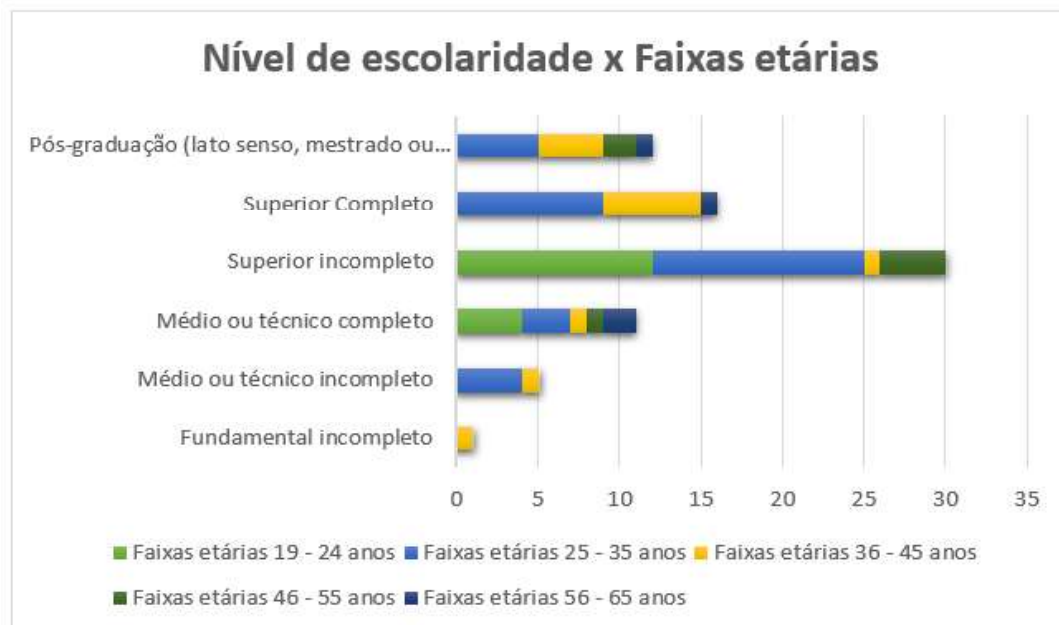
Fonte: Elaboração própria

Na tabela 6, a instituição pública representa 55% e a instituição privada representa 37%, não considerando os casos de “Não se aplicam” para o cálculo.

Tivemos cinco casos de *Missing* referentes aos quebradeiros nº 37, 40, 55, 56 e 68, que não informaram. Como já descrito anteriormente, há necessidade de que o sistema de inscrição pela internet (1 Etapa) tenha uma trava para alertar o usuário sobre a falta de preenchimento. Nessa análise da tabela 6 também tem um item intitulado “Não se aplicam” com 17 casos que são quebradeiros que não fazem graduação ou pós-graduação. Eles foram mostrados anteriormente na tabela 4.

Nos gráficos a seguir vamos analisar alguns cruzamentos dos campos de faixa etária, escolaridade e gênero.

Gráfico 1: Nível de escolaridade x Faixas etárias



Fonte: Elaboração própria

A faixa etária entre 25 e 35 anos está presente em quase todos os níveis de escolaridade, menos no fundamental completo, onde tem somente um quebradeiro com idade de 36 anos, sendo que o nível de escolaridade com mais concentração é o superior incompleto, com 31 casos, conforme já relatado na tabela 4. Logo, reunimos quase todas as faixas etárias, deixando somente de fora a faixa etária entre 56 – 65 anos. Desses, 31 casos, 18 mulheres e 13 homens.

Na tabela 1, foi evidenciado que, dos 77 casos, 45 casos são do gênero feminino. O gráfico 2 reafirma esse fato propondo verificar sua relação com escolaridade, na qual as mulheres se encontram em maior ocupação no ensino superior e pós-graduação.



Gráfico 2: Escolaridade x Gênero

Fonte: Elaboração própria

Poderíamos pensar as mulheres tendo melhores qualificações, sua renda é superior aos dos homens. Infelizmente, na ficha de inscrição (ANEXO1) não foi perguntado sobre renda; portanto, não temos como avaliar esse item no projeto. No entanto, essa situação não é a realidade brasileira. Segundo pesquisa realizada pelo IBGE, em 2014, demonstra o seguinte:

Das mulheres ocupadas com 16 anos ou mais de idade, 18,8% possuíam Ensino Superior completo, enquanto para homens, na mesma categoria, esse percentual é de 11%, apontam dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2014, realizada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa indica ainda que as mulheres são maioria para Ensino Médio completo ou Superior incompleto: 39,1% das mulheres se enquadram nessa categoria, contra 33,5% dos homens. Para as mulheres, no entanto, maior escolaridade e presença nos cursos de qualificação não se traduz em maiores rendimentos, e essa diferença se amplia conforme aumenta a escolarização. As mulheres com cinco a oito anos de estudo receberam por hora, em média, R\$ 7,15, e os homens, com a mesma escolaridade, R\$ 9,44, uma diferença de R\$ 24%. Para 12 anos de estudo ou mais, essa diferença na remuneração vai a 33,9%, com R\$ 22,31 para mulheres e R\$ 33,75 para homens. (BRASIL, 2016, p.1)

Pensando agora nos jovens entre 15 e 29 anos, o gráfico 3 contém a relação entre escolaridade x idade x gênero.

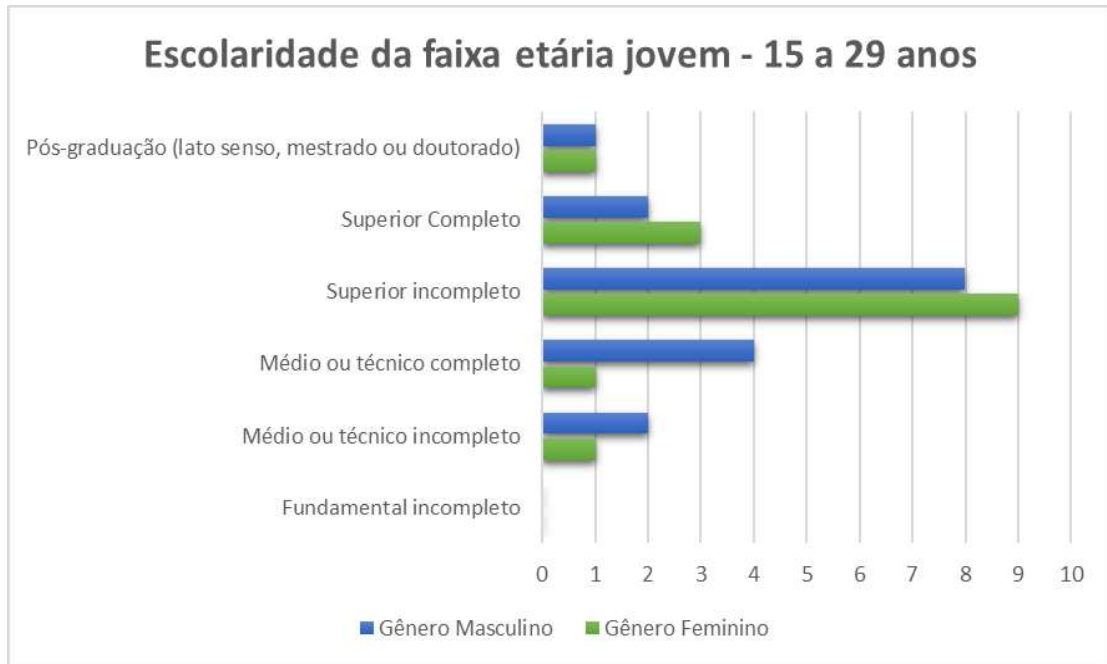


Gráfico 3: Escolaridade x Faixa Etária x Gênero
Fonte: Elaboração própria

Inicialmente, em 2009, a UQ foi pensada exclusivamente para quebradeiras não universitários. Mas com a implementação de cotas nas universidades, foi notado que esse pré-requisito não valia mais – sendo um ótimo sinal – que as instituições educacionais estão recebendo estudantes de todos os perfis através de efetiva aplicação de políticas públicas. Esse avanço resulta que, dos 77 casos, 59 quebradeiras encontram-se no nível superior ou pós-graduação, o que representa 77% dos quebradeiras.

Tabela 7: Quantidade de áreas de atuação

Quantidade	Frequência de casos
1	13
2	13
3	10
4 a 6	23
7 a 9	13
10 ou mais	5
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Ao analisarmos as áreas de atuação dos “quebradeiras” na tabela 7, vimos que há uma discrepância da quantidade. Sistematizamos as informações sobre as áreas de trabalho, como, por exemplo, a faixa 4 (4 a 6) descreve que 23 casos trabalham em média em 4 a 6 áreas diferentes, conforme declarado pelo “quebradeira” no formulário. Suspeitamos que tenha

havido alguma inconsistência na ficha de inscrição (ANEXO 1), pois nesse item não há diferenciação entre área de atuação e profissão/ocupação. Exemplificando: o quebradeiro marcou, nesse item, comunicação e blogueiro. Assim, na lista de área de atuação consta o somatório destas duas áreas de atuação, mas na realidade é uma área de atuação (comunicação) e uma profissão/ocupação (blogueiro).

A partir dessa análise, pode-se observar o quanto é difícil a classificação na cultura, já que temos profissões não regulamentadas, outras criadas recentemente e a multitarefa do profissional autônomo da arte que exerce mais de uma função, pois carece de recursos para contratar profissionais habilitados. Neste último quesito, devemos problematizar, pois esse acúmulo de atividades é consequência das poucas práticas de políticas públicas no setor cultural voltadas principalmente para áreas periféricas. O artista não quer ter várias funções; se pudesse escolher, gostaria de ser somente artista. Mas, para que sua atividade seja posta em prática, vê-se obrigado a exercer várias funções.

Essa capacidade de organizar a cultura mesmo em condições precárias nos fez desenvolver reflexões sobre políticas culturais e sobre o impacto que ações do Estado poderiam ter se interagissem com mais regularidade com esses agentes culturais. Ações culturais organizadas desse modo possuem muita repercussão nas favelas (FACINA, PASSOS, 2015, p.11).

A maioria dos projetos dos quebradeiros não são contemplados por verbas públicas. O mesmo ocorreu com os alunos do Curso de Formação de Agentes Culturais Populares. As autoras Facina e Passos citam a autodefinição dos educandos “gente que faz muito com pouco”. E, além de abertura de editais focados em pequenos produtores culturais, é fundamental que haja acompanhamento dos projetos, bem como desburocratização nas inscrições.

Apesar do que apresentamos acima sobre as dificuldades dessa classificação, acreditamos que é preciso modificar a forma de pergunta sobre esse tema no instrumento de coleta de dados dos quebradeiros. Por isso, para poder entender melhor, fizemos duas tabelas: na tabela 8, dividimos em 5 áreas de atuação dos quebradeiros (**Artes, Educação, Comunicação, Geografia e Arquitetura**) abarcando todas as respostas; na tabela 10, realizamos uma análise apenas do setor de Artes, fazendo a divisão por 9 linguagens artísticas (**Teatro, Dança/Performance, Música, Audiovisual, Literatura, Produção Cultural, Artes Visuais, Cenário/Figurino e Manifestação Popular**). Cabe ressaltar que esse recorte foi proposto pelo fato de 71 quebradeiros relatarem trabalhar no setor de artes.

Seria interessante se pudéssemos analisar a questão de renda (valor/origem) versus ocupação/profissão, mas no formulário esse item não foi contemplado.

Na tabela 8, constam quantos quebradeiras atuam em cada área, levando em consideração que cada quebradeira pode atuar em mais de uma por isso nessa tabela não tem somatório total.

Tabela 8: Quantidade de quebradeiras por áreas de atuação

Área	Frequência de casos
Artes	71
Educação	37
Comunicação	19
Geografia	2
Arquitetura	2

Fonte: Elaboração própria

O resultado foi de 71 casos de atuação na área das Artes, significando uma participação de 95%, pois, dos 77 quebradeiras, temos dois que se encontram na categoria *Missing*, conforme apresentado na tabela 9, ou seja, deduzimo-los no cálculo. Concluímos que os quebradeiras estão diretamente ligados ao campo das artes. Na tabela 10, esse dado será explorado através das linguagens artísticas, mas antes vamos analisar os gráficos 4 e 5 sobre o cruzamento de informações sobre a faixa etária e as áreas de educação e comunicação que os quebradeiras de 2017 informaram atuar.

Tabela 9: Quantidade de áreas de atuação “Nova Tabela”

Quantidade	Frequência de casos
1	29
2	39
3	6
4	1
<i>Missing</i>	2
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Nessa nova classificação da tabela 9, a quantidade de áreas de atuação retratou melhor a realidade, cabendo 39 casos, 51%, de quebradeiras que atuam em duas áreas. Na atual nova tabela, houve dois casos de *Missing*: em um a quebradeira colocou “Tudo que envolve cultura afro”; e, no segundo, um quebradeira que pôs “Cuidador de idosos”.

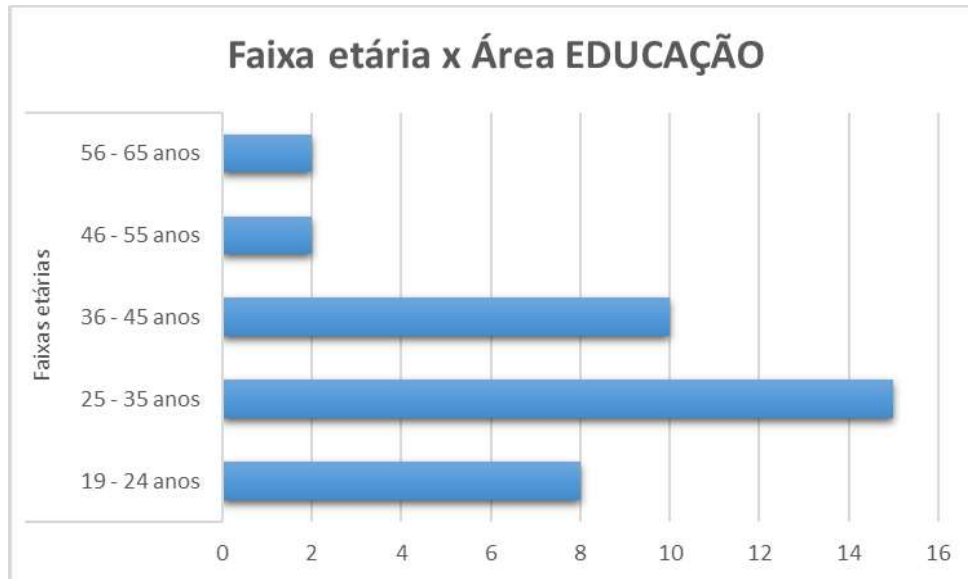


Gráfico 4: Faixa etária x Área Educação
Fonte: Elaboração própria

No gráfico 4, na área educacional, a faixa etária preponderante é a faixa 25 a 35 anos, com 15 casos presentes, mas há quebradeiras em todas as faixas. A maior idade encontrada foi de 57 anos e, dos 37 casos dos quebradeiras que atuam na área de Educação, 21 mulheres (57%) e 16 homens (43%).

Na faixa com maior concentração, nove são do gênero feminino e seis são do gênero masculino. Desses 15 casos, sete são jovens com faixa etária entre 25 – 29 anos e oito adultos com faixa etária entre 30 – 35 anos. Com esses dados, podemos perceber que está na faixa etária entre 25 e 35 anos o equilíbrio (60% mulheres, 40% homens; entre jovens e adultos 47% jovens e 53% adultos), mas há uma maioria de mulheres nessa faixa etária.

A estabilidade nos dados também é mostrada no quadro geral dos 37 casos de educação: 21 mulheres (57%) e 16 homens (43%); 22 adultos (59%) e 15 jovens (41%). Podemos inferir desta análise relativa ao ano de 2017 que o perfil médio da(o)s quebradeira(o)s que atuam na área de Educação é de mulher adulta.

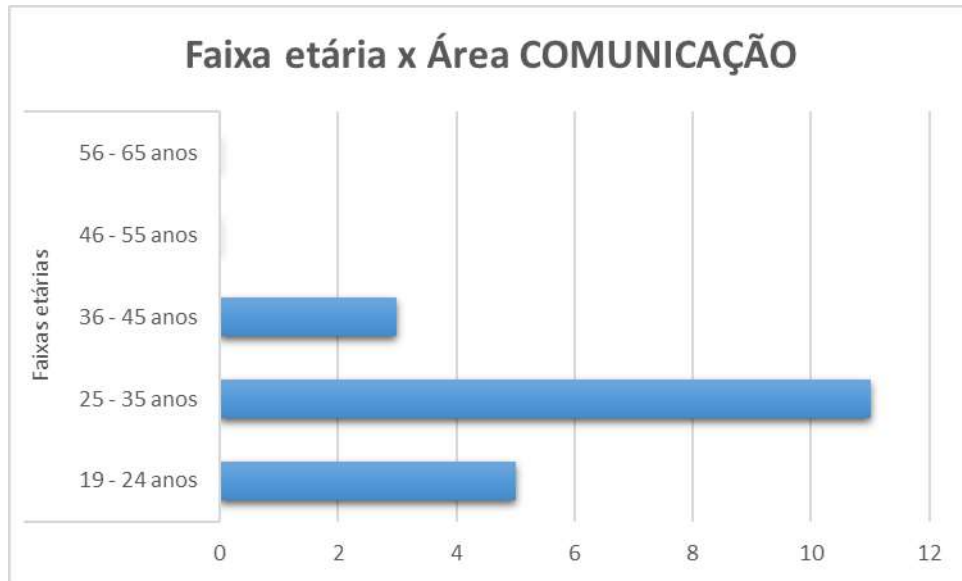


Gráfico 5: Faixa etária x Área Educação
Fonte: Elaboração própria

Já na área de Comunicação, há uma importante modificação de perfil. No gráfico 5, podemos constatar o número elevado de jovens. Em primeiro lugar, os jovens na faixa 25 – 35 anos seguido pelos na faixa 19 – 24 anos, não tendo nenhuma pessoa acima dos 43 anos que atua na comunicação. No total dos quebradeiras que atuam na área de comunicação, temos 19 casos: 10 mulheres (53%) e 9 homens (47%). Já na relação entre faixas etárias e gênero, há um equilíbrio.

Presumimos que a possibilidade de não haver quebradeiras nas faixas de 46 – 55 anos e 56 – 65 anos é decorrente do avanço tecnológico dos últimos 20 anos, que se intensificou na área de interatividade de redes sociais e aplicativos. Os jovens que nasceram já nesse meio cibernético têm a tendência de usufruir mais dessas ferramentas tanto para lazer quanto profissionalmente.

Conforme Silveira (2007, p. 91), “A educação, hoje, absorve as novas tecnologias de informação e da comunicação, como um dia absorveu o lápis, a lousa, a caneta esferográfica, as transparências, os slides e outros instrumentos, com o intuito de facilitar tanto o ensino como a aprendizagem”.

A internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. Assim como a difusão da máquina impressora no Ocidente criou o que MacLuhan chamou de a “Galáxia de Gutemberg”, ingressamos agora num novo mundo de comunicação (CASTELLS, 2003, p. 08).

Essas novas formas de socialização através da interação digital são oriundas das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). As NTICs são tecnologias e métodos para comunicação que começaram a ser desenvolvidas em meados da década de 1970 e tiveram seu ápice nos anos 1990 oriundos da Terceira Revolução Industrial, onde a tecnologia começava a ser aplicada em atividades produtivas na indústria.

A grande característica é rapidez, horizontalidade e ser menos tangível (fisicamente manejável) o conteúdo da comunicação através da digitalização e da comunicação em redes que possibilita captação, transmissão e compartilhar informações (textos, sons, vídeos...). Exemplos de NTIC: computadores pessoais, internet, telefonia móvel, câmeras de vídeo, correio eletrônico, redes sociais...

Estamos na presença de uma nova noção de espaço, em que o físico e o virtual se influenciam um ao outro, lançando as bases para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social. (CARDOSO, 1998, p.116).

O destaque na internet são as redes sociais, que podem ser conceituadas como “estruturas sociais composta por pessoas ou organizações, conectadas por vários tipos de relações e [que] partilham de valores e objetivos comuns” (COSTA, 2014, p. 84). O autor relata que as crianças e adolescente usufruem da linguagem digital de forma variada: ouvem música, acessam a internet, mandam mensagens instantâneas.

Foram, de fato, “revoluções” no sentido de que um grande aumento repentino e inesperado de aplicações tecnológicas transformou os processos de produção e distribuição, criou uma enxurrada de novos produtos e mudou de maneira decisiva a localização das riquezas e do poder no mundo, que, de repente, ficaram ao alcance dos países e elites capazes de comandar o novo sistema tecnológico (CASTELLS, 1999, p. 71).

Retomemos as análises sobre as áreas de atuação dos quebradeiras. Vejamos a tabela 10 onde reagrupamos os quebradeiras por Linguagens Artísticas.

Tabela 10: Quantidade de quebradeiras por linguagem artística

Linguagem Artística	Frequência de casos
Teatro (Ator/atriz, diretor)	21
Dança/Performance (Bailarino(a), dançarino(a), coreógrafo)	5
Musical (Cantor(a), músico)	14
Audiovisual (Produção, edição, roteirista, exibição, distribuição. Ex: cinema, cineclube, vídeo)	17
Literatura (Escritor, poeta, literatura - cordelista)	18
Produção Cultural (Produtores)	40
Artes Visuais (Escultura, restauração, desenho, fotografia, pintura, grafite, gravura)	21
Cenário/Figurino (Moda - estilista, figurinista, designer, cenógrafo)	8
Manifestação Popular Tradicional (Artesanato, costura, estamparia)	12

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 10, constam quantos quebradeiras atuam em cada linguagem artística, levando em consideração que cada quebradeira pode atuar em mais de uma linguagem, por isso nessa tabela não tem somatório total. O resultado foi de 40 casos de produtores culturais, significando uma participação de 53%, pois, dos 77 quebradeiras, temos dois que se encontram na categoria *Missing*, conforme apresentado na tabela 9, ou seja, deduzimo-los no cálculo.

Uma hipótese levantada pela procura por parte dos produtores culturais pode ser de busca de parcerias para viabilidade dos seus projetos. Posteriormente, vamos tentar responder essa questão. Consideramos produção cultural como linguagem artística pelo seu caráter diretamente relacionado ao campo das artes e, também, pelo fato de que muitos artistas “produzem-se”.

Nessa pesquisa, não foi contemplado na ficha de inscrição (1 etapa) a seguinte pergunta: Produtor cultural, você produz para artistas ou somente para seus projetos pessoais como artista? Ou ambos? As respostas dessa pergunta auxiliariam-nos a compreender melhor esse tema e indicaremos sua inclusão para as novas inscrições na Universidade das Quebradas.

Tabela 11: Onde atuam em áreas de planejamento no município do Rio de Janeiro

Área de Planejamento	Frequência de casos
1	13
2	13
3	15
4	11
5	13
A.N.E	14
Atua no município do Rio de Janeiro e em outras cidades	13
Não se aplicam	1
<i>Missing</i>	3

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 11, podemos perceber que há um equilíbrio de frequência entre as áreas de planejamento. O caso Área Não Especificada – A.N.E são aqueles em que os quebradeiras relatam que atuam na cidade do Rio de Janeiro, mas não citam a AP. Na ficha de inscrição (ANEXO 1) esse item é de forma descritiva, ou seja, o candidato digitava as cidades e os bairros que trabalha. Esse tipo de formato de preenchimento abre um precedente ao erro ou esquecimento. Uma proposta seria criar um *layout* de marcação. Isso traria menor margem de erro, onde o usuário aponta a cidade e o sistema, a partir desse comando, aponta os bairros pelas áreas de planejamento e o candidato assinala.

Há 13 casos em que o quebradeiro atua no município do Rio de Janeiro e em outras cidades que são: Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, São Gonçalo. Destaque para um caso que atua em dois Estados (RJ/SP), sendo a cidade apontada São José dos Campos/SP. Também, como campo de atuação, foi citada a Baixada Fluminense, mas não temos como precisar o local.

No caso “Não se aplicam”, a quebradeira de número de inscrição 30 informou “Ainda não participo de nenhum projeto”. No caso de *Missing*, tivemos três casos: quebradeiro nº 32 descreveu “Vários”, quebradeiro nº 51 não informou nada e o quebradeiro nº 62 descreveu “UFRJ”. Por essas respostas, ratificamos a importância de alteração na parametrização¹⁶ na ficha de inscrição (1 Etapa).

¹⁶ “Processo que estabelece parâmetros, padrões ou modelos, para o desenvolvimento ou processamento de alguma coisa, sendo possível realizar, a partir disso, comparações”. Fonte: <http://www.dicio.com.br/parametrizacao/>

Na tabela 11 não tem somatório total, pois o quebradeiro pode atuar em mais de uma AP. No entanto, foi levantada a quantidade de AP's que cada quebradeiro atua no município do Rio de Janeiro, tendo como resultado demonstrado na tabela 12.

Tabela 12: Quantidade de áreas de planejamento que atuam no município do Rio de Janeiro

Quantidade de áreas de Planejamento	Frequência de casos
1	34
2	14
3	1
Não se aplicam	1
Missing	3

Fonte: Elaboração própria

No levantamento da tabela 12 observamos, então, que a maioria de quebradeiros atua somente em uma AP contendo 34 casos. Mais à frente, vamos analisar a relação de AP entre a área de atuação e o local de residência dos quebradeiros no município do Rio de Janeiro. Os casos “Não se aplicam” e *Missing* contidos nessa tabela foram elucidados na análise da tabela 11.

Tabela 13: Onde atuam em regiões do Estado do Rio de Janeiro

Região	Frequência de casos
Noroeste Fluminense	-
Norte Fluminense	-
Serrana	1
Baixadas Litorâneas	-
Metropolitana	21
Centro-Sul Fluminense	-
Médio Paraíba	1
Costa Verde	1
Não se aplicam	1
<i>Missing</i>	3

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 13, são evidenciados 23 casos de quebradeiros atuantes fora do município do Rio de Janeiro. A maioria encontra-se na Região Metropolitana (ANEXO 5), com 21 casos, sendo que um desses casos atua tanto na Região Metropolitana como na Região Serrana. A quebradeira reside na região metropolitana. Há um caso na Região Médio Paraíba, onde ela atua e reside nessa região. E um caso em que a quebradeira atua e reside na Região Costa Verde, mas também atua em outra cidade fora do Estado, Ubatuba/SP.

Tabela 14: Faz parte de algum Projeto Cultural?

Resposta	Frequência de casos
Sim	50
Não	27
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 14, em 65% dos casos os quebradeiras dizem fazer parte de um projeto cultural, ou seja, 50 projetos. Denota-se que os indicadores sugerem que o interesse pelo UQ esteja diretamente vinculado ao projeto cultural a que fazem parte. Esse fato baseia-se também nos dados da tabela 10, em que a maior procura foi de produtores culturais, apontando 40 casos. Geralmente, os produtores culturais são os responsáveis pela busca de financiamento e viabilidade para a produção dos projetos culturais.

Na etapa de verificação dos 50 projetos culturais apresentados na tabela 15, tivemos bastantes percalços, pois, além de falta de informações, muitos dados estavam truncados. Na descrição dos projetos priorizamos, o texto escrito pelos quebradeiras na ficha de inscrição, quando o mesmo estava muito extenso, resumimos, sendo que tiveram dois projetos culturais citados duas vezes: Sarau de Poesia Apadrinhe um Sorriso (Nº 7 e 27) e Agira (Nº 15 e 49).

Para melhor análise, tivemos que buscar em outras fontes, tais como redes sociais, páginas eletrônicas e periódicos. Exemplificando: em alguns casos, o projeto cultural é descrito, mas não é informado o nome/título, ou tem o título sem descrição. Nesse caso, os dados em sua maioria foram obtidos nas redes sociais virtuais.

Ratificamos novamente que a parametrização da ficha de inscrição via internet (ANEXO 1) deve ser revista, bem como ser reavaliado o conteúdo e o formato das perguntas.

Quadro 1: Projetos Culturais que os quebradeiras fazem parte

Nº	Nome do Projeto	Descrição
1	<u>NÃO INFORMADO</u>	Grupos de Teatro e Centro comunitário.
2	Afro Memórias Atuais	Contação de histórias e oficinas de desenho com protagonismo negro e assim formar indivíduos conscientes de questões de discriminação racial.
3	Centro Cultural Roda Viva	Espaço para crianças, jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social, ter educação complementar, formação profissional e desenvolver potencialidades crítico-empendedoras.
4	Entrou por Uma porta	Grupo de teatro que tem como objetivo levar arte, valorizar os negros e apresentar peças de teatro e dar cursos na área de artes para classes c, d, e.
5	Lab Cultural da ANF (Agência Nacional das Favelas)	Agência atende a demanda da imprensa e da sociedade que precisa obter informações sobre que acontece das favelas do Rio de Janeiro. O Laboratório é um projeto de capacitação na área de comunicação.
6	Projeto Marginow	Projeto de poetas de ruas, falar/fazer poesia periférica nas praças.
7	Sarau de Poesia Apadrinhe um Sorriso	O sarau de poesias é um projeto da Ong Apadrinhe um Sorriso criando uma corrente do bem. O ong é uma ação de amigos que se uniram em prol de trazer um sorriso para crianças que também tem o direito de sonhar.
8	<u>NÃO INFORMADO</u>	Pré-produção, produção e atuação em documentário.
9	Africanizz	Coletivo de Arte que congrega Artistas Visuais no desenvolvimento de uma nova estética negra contemporânea baseada na multiplicidade de formações do corpo negro.) alunos pretos da UFRJ.
10	<u>NÃO INFORMADO</u>	Curso de Qualificação em Oficinas da Conservação e Restauração de Madeiras e Vitrais.

Quadro 1. Continuação.

Nº	Nome do Projeto	Descrição
12	Sarau das terças	Sarau na Casa de Cultura de Nova Iguaçu. O projeto não é incentivado.
13	Folha Nativa	Projeto de comunicação (Jornal on-line) que tem relação com fotografia e notícia.
14	Centro Cultural Municipal Laurinda Santos Lobo	Lugar para os grupos artísticos locais com o objetivo de fomentar a produção cultural local e de seu entorno, usando o espaço para realizar seus ensaios e experimentações artísticas.
15	Agira	Agira (coletivo de poetas periféricas) é um movimento de emancipação. Somos mulheres que giram pela cidade em busca de conexões afetivas e artísticas de todas as idades.
16	<u>NÃO INFORMADO</u>	Coordeno um curso de teatro, dirijo um grupo de teatro e coordeno também um Festival Nacional de Teatro (14º Festival Nacional de Teatro em Duque de Caxias - Teatro Municipal Armando Mello).
17	Manguinhos em Cena	Coletivo artista que reside na BPM de MANGUINHOS.
18	Movanos	É uma iniciativa que trabalha com metodologia artística em escolas, públicas e privadas, no combate ao racismo. “Movimento Nosso” (MOVANOS)
19	O Pingado	Cineclube itinerante.
20	Lar Fabiano de Cristo	Educadora Social no Lar Fabiano de Cristo (Acolher para proteger. Educar para transformar. E por fim, construir um homem melhor, para um novo mundo. Isso também é o Lar.)
21	Bando Editorial Favelafagico	Fomenta a escrita e a publicação de autores das classes populares.
22	Zona Onírica	Propostas vivenciais que provoquem o despertar através de iniciativas inovadoras artísticas e sociais através de trocas que priorizam coletivamente uma reflexão acerca da multiplicidade cultural do território historicamente estigmatizado.
23	Bailinho da Crespinhos	A Crespinhos S.A é uma produtora que oferece campanhas publicitárias, serviços de fotografia, eventos, ações e desfiles voltados para o segmento afro. O bailinho da Crespinhos é um baile afro infantil.
24	Foco in Mídia – Cine e Rock	É um movimento de mídia social com o objetivo de transmitir informação de forma transformadora, e mostrar que todas as ações por menores que sejam, podem sim fazer a diferença.
25	O Averso	Coletivo de teatro, focado em criar livremente peças originalmente brasileiras que valorizem a memória do país. Futuros projetos sociais envolvendo aulas de Teatro em Escolas.
26	Sinfônica Ambulante	Sinfônica Ambulante, ensaiando músicas nas praças de Niterói. Projeto Viva e deixe viver, contação de histórias em hospitais.
27	Sarau de Poesia Apadrinhe um Sorriso	O sarau de poesias é um projeto da Ong Apadrinhe um Sorriso criando uma corrente do bem. O ong é uma ação de amigos que se uniram em prol de trazer um sorriso para crianças que também tem o direito de sonhar.
28	Arte Faz Parte	Um projeto que desenvolve atividades voltadas para a arte e educação. Fazemos oficinas, apresentações, debates e palestras.
29	Nós do Morro	O Grupo Nós do Morro é uma associação cultural sem fins lucrativos fundada em 1986, com objetivo de proporcionar o acesso à arte e à cultura para crianças, jovens e adultos do Morro do Vidigal.
30	<u>NÃO INFORMADO</u>	Economia Solidária.
31	<u>NÃO INFORMADO</u>	Organizo um clube do livro mensal em Niterói de leitura de obras de mulheres.
32	COMGuaratiba	O Conselho de Moradores de Barra de Guaratiba (COMGuaratiba) é formado por alguns moradores do bairro e seus amigos que são interessados em buscar soluções e melhorias para Barra de Guaratiba e adjacências.
33	Rap na Reta	Uma roda cultural que visa fomentar novos artistas e apresentá-los no seguimento hip hop.
34	Cultura de Rua	Evento cultural independente, aonde reúne artistas. Assim, valorizando eles, a história e a cultura local. O projeto nasceu na UFRRJ, debruça-se em proporcionar atividades artísticas e culturais de rua para a Universidade.
35	<u>NÃO INFORMADO</u>	Coletivo audiovisual.
36	Conexão Tabajaras e Cabritos	Projeto de inclusão social pelo turismo de base comunitária, arte, cultura e sustentabilidade socioambiental.
37	<u>NÃO INFORMADO</u>	Desde agosto 2016, sou produtora da UFRJ e atualmente estou trabalhando com grupos de representação artística institucional da UFRJ.
38	Na Boa Companhia	Pontão de cultura (grupo de teatro), que começou com oficinas em escolas públicas e hoje em uma companhia formada e no momento montando um espetáculo.
39	Kativero	Uma produtora de conteúdo voltada à artistas do rock underground.
40	<u>NÃO INFORMADO</u>	Atriz, produtora e produção executiva e cultural de bandas.
41	Instituto Dagaz	O Instituto Dagaz, uma associação civil sem fins lucrativos, com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento sociocultural das comunidades e contribuir para o crescimento do Brasil.
42	<u>NÃO INFORMADO</u>	Buscamos através do projeto cultural a valorização dos costumes, dançar, crenças e histórias locais criando através da metodologia da mandala o saber existente em cada pessoa.
43	<u>NÃO INFORMADO</u>	Artesanato, dignidade de trabalho e renda para minha comunidade.
44	<u>NÃO INFORMADO</u>	Trabalho com um projeto de extensão contação de histórias no Campos Mesquita IFRJ.
45	MTD – Movimento Territórios Diversos Associação Cultural	É uma entidade sem fins lucrativos, concentra suas ações a democratização, difusão e a fruição da arte e da cultura, como incentivos para a promoção da educação, do conhecimento, da leitura, da inclusão, transformação social e economia criativa de modo sustentável.
46	Coletivo Pracidade	É uma iniciativa de pessoas que acreditam que as cidades e os espaços públicos, por serem de todos, deveriam ser mais humanizados, inspiradores, seguros e divertidos. Agimos em praças, ruas e espaços públicos através de intervenções artísticas.
47	Dia da Praça	É um projeto cultural que visa promover ações que já acontecem nas praças da zona da Leopoldina e para construir outras, afim de deixar um legado para cada praça.
48	Plano A	Liga das M – só mulheres do rapper.
49	Agira	Agira (coletivo de poetas periféricas) é um movimento de emancipação. Somos mulheres que giram pela cidade em busca de conexões afetivas e artísticas de todas as idades.
50	Lata Doida	Atua arte educação com foco na pesquisa etnomusical e confecção de instrumentos a partir do reaproveitamento de materiais (garrafa pet, calota de pneu de carro, lata, etc). O projeto é voltado para adolescentes e jovens.

Fonte: Elaboração própria

Os 50 projetos apresentados na Quadro 1 evidenciam a diversidade de ações artísticas. Na tabela 15 são verificadas quais linguagens artísticas os quebradeiras adotam nos projetos que fazem parte, bem como na tabela 16 serão demonstradas quantas linguagens por quebradeiro são aplicadas.

Tabela 15: Linguagem artística adotada no projeto cultural pelo quebradeiro

Linguagem Artística	Frequência de casos
Teatro (Ator/atriz, diretor)	11
Dança/Performance (Bailarino(a), dançarino(a), coreógrafo)	2
Musical (Cantor(a), músico)	8
Audiovisual (Produção, edição, roteirista, exibição, distribuição. Ex: cinema, cineclube, vídeo)	5
Literatura (Escritor, poeta, literatura - cordelista)	5
Produção Cultural (Produtores)	23
Artes Visuais (Escultura, restauração, desenho, fotografia, pintura, grafite, gravura)	7
Cenário/Figurino (Moda - estilista, figurinista, designer, cenógrafo)	-
Manifestação Popular Tradicional (Artesanato, costura, estamparia)	4

Fonte: Elaboração própria

A tabela 15 expressa que as linguagens artísticas mais adotadas nos projetos culturais são: produção cultural, literatura e teatro, sendo verificado na tabela 10 que a maior procura pela UQ são por produtores culturais, mas que não podemos analisar a relação de atuação deles, ou seja, avaliar se o produtor cultural é o artista que “se produz” ou somente faz produções para seus clientes, ou ambos, pois esta pergunta não constava na ficha de inscrição.

No entanto, dos 40 casos de “produção cultural” (Tabela 10), 31 têm vínculo com projetos culturais, sendo que 23 atuam no projeto cultural como produtor. Foi evidenciado também que, dos 31, somente nove citaram a linguagem artística produção cultural como única escolha de atuação em sua vida profissional. Estes fatos sinalizam que os oito casos restantes que têm conexão com projetos sociais são de artistas que somente “produzem-se”.

Não tivemos casos em Cenário/Figurino nos projetos culturais. Isso pode estar relacionado ao fato do número pequeno de casos (tabela 10) que estavam interessados na UQ.

Tabela 16 – Quantidade de linguagens artísticas abordadas no projeto cultural

Quantidade	Frequência de casos
1	33
2	10
3	3
4	1
Não se aplica	27
Missing	3
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Conforme apresentado na tabela 16, a maioria dos quebradeiras (33 casos) utiliza somente uma linguagem artística no projeto. No item “Não se aplica”, temos 27 casos de quebradeiras que não fazem parte de nenhum projeto social. No caso de *Missing*, tivemos três casos: quebradeiro nº 5 “participo de projeto cultural, mas não na área de artes”, quebradeiro 52 descreveu “Economia Solidária” e o quebradeiro nº 69 “não informou nada”.

Tabela 17: Local onde desenvolve o projeto cultural

Quantidade	Frequência de casos
Formal (Espaço Artístico, Sede do Grupo)	19
Informal (Moradia, Espaço Emprestado)	7
Espaço Público I (Praças, Ruas)	13
Espaço Público II (Escolas, Universidades, Hospitais)	7
Não se aplica	27
Missing	4
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 17, denota-se que na maioria dos casos o local mencionado foi Formal (sede própria), num total de 19 ocorrências. No entanto, somando as faixas 3 (Espaço Público I) e 4 (Espaço Público II), teremos o total de 21 casos. Assim, o espaço público em geral é o local mais utilizado para os eventos culturais, como o Coletivo Pracidade (Quadro 1), que faz intervenções artísticas em praças, “deveriam ser locais mais humanizados, divertidos e seguros” conforme relatado no questionário.

No item “Não se aplica”, temos 27 casos de quebradeiras que não fazem parte de nenhum projeto social, conforme já foi mencionado da tabela 14. No caso de *Missing*, tivemos 4 casos: quebradeiras (nº 14; 52; 69; 70) que não informaram nada.

Tabela 18: Natureza de atuação no projeto cultural pelo quebradeiro

Natureza	Frequência de casos
Atuação Profissional	36
Voluntariado	11
Não se aplicam	27
Missing	3
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 18 são classificados os projetos por atuação profissional e voluntariado, sendo atuação profissional o quebradeiro que recebe remuneração para exercer atividades no projeto; ou o projeto é de sua autoria, sendo sua principal forma de atuação profissional através de apresentações artísticas ou via editais/premiações; ou é uma forma coletiva de divulgar e viabilizar os trabalhos das pessoas envolvidas. Exemplo: Rap na Reta (Quadro 1) “visa fomentar novos artistas e apresentá-los no seguimento hip hop”. Atuação profissional apresenta 36 casos, evidenciando como forma mais utilizada pelos quebradeiros.

Voluntariado é o quebradeiro que atua no projeto sem receber remuneração, geralmente atuando em Ong's ou projetos sociais. Analisados os 50 projetos culturais, verificamos que em 19 casos (38%) há práticas de ensino de artes e três casos (6%) de ensino profissionalizante, ambos exercidos pelos quebradeiros.

No item “Não se aplica”, temos 27 casos de quebradeiros que não fazem parte de nenhum projeto social, conforme já foi mencionado da tabela 14. No caso de *Missing*, tivemos três casos: quebradeiros (nº 14; 52; 69) que não informaram nada.

Quadro 2: Área de residência x Área de atuação no município do Rio de Janeiro

Território de atuação profissional	Território de residência				
	AP1	AP2	AP3	AP4	AP5
AP 1	5	4	2	0	1
AP2	2	5	0	0	3
AP3	1	2	12	0	0
AP4	1	1	0	4	4
AP5	0	1	0	1	9

Fonte: Elaboração própria

O quadro 2 aborda a questão de atuação profissional dos quebradeiros em suas áreas de residência, evidenciando que a AP3 encontra-se em maior número de casos. Isso se deve ao fato de que a maioria dos candidatos inscritos é morador dessa AP (tabela 3). No entanto, para

melhor análise, devemos levar em consideração o número total quebradeiras residentes por AP (tabela 3) obtendo a concentração efetiva. Exemplificando: o cruzamento AP1 (atuação x residência) são de 5 casos (quadro 2), o total de quebradeiras residentes na AP1 são de 6 casos (tabela 3). Aplicando regra de três simples ($5 \times 100 / 6$), o resultado é de 83% na AP1. Praticando esse cálculo para as demais áreas, teremos: AP2 (36%), AP3 (50%), AP4 (67%) e AP5 (75%). Assim, com esses novos dados, a AP1 tem maior concentração efetiva, a AP3 agora ficou em quarto lugar e em último lugar ficou a AP2 (36%).

Acreditamos que o motivo para AP2 ficar em último deve-se ao fato de ser composta predominantemente por bairros da Zonal Sul, onde a renda é maior e as propostas dos projetos culturais (quadro 1) são de inclusão social.

Tabela 19: Como ficou sabendo das Quebradas?

Origem	Frequência de casos
Amigos ou familiares	44
Internet (redes sociais, site UFRJ, etc)	22
UFRJ (professores, alunos, conferências)	2
Outros	9
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Na tabela 19, 44 casos (57%) souberam da UQ por intermédio de amigos ou familiares. Mesmo a internet sendo uma das maiores fontes de comunicação nos dias atuais, o famoso “boca-boca” ainda funciona muito bem.

No formulário (anexo 3) foi elaborada a seguinte pergunta “1) O que vem primeiro em sua mente sobre o que é Universidade das Quebradas #UQ?”. Como houve uma série de respostas variadas, não tivemos como fazer uma tabela. Então, selecionamos 28 respostas para avaliação. Esse item todos os quebradeiras responderam, ou seja, 77 casos.

Quebradeira nº 4: “Universidade das quebradas = romper padrões sociais, romper muros da exclusão periférica. Um curso diversificado (com gente de todo horizonte) que permite refletir juntos sobre temática da periferia do Rio de Janeiro porque a cidade tem uma riqueza cultural enorme. Esta universidade permite também encontrar outras pessoas atuantes nas periferias com arte, cultura e educação.”

Quebradeira nº 5: “Na moral, na minha mente vem, uma universidade voltada pra galera que de alguma forma, tem uma militância nas ruas, e toda pra quebrar, mostrando que as quebradas, também são fazedores de cultura e arte.”

Quebradeira nº 9: “Um espaço aberto para trocas e novos aprendizados, voltado para as artes, e para refletir e questionar os espaços de produção em nossa sociedade. Um espaço político, questionador e vivo!”

Quebradeira nº 13: “É uma iniciativa contemporânea de congregar horizontalmente diversas áreas que produzem saber. O mundo já cansou das velhas hierarquias, são

disfuncionais. A troca sempre fez melhor tempos de lucidez.”

Quebradeiro nº 17: “Num primeiro momento não veio nenhuma ideia do que pudesse ser. Depois imaginei que pudesse ser bar tipo “Universidade do Chopp”, somente depois que um amigo me explicou o que é a UQ.

Quebradeiro nº 18: “O que vem primeiro em minha mente, é a quebrada, a rua. A “quebrada” de conceitos em relação a sabedoria acadêmica e sabedoria popular. A “quebrada” da teoria e a indução da prática, como ela é, dentro da academia.”

Quebradeiro nº 20: “Um link entre a teoria e a prática territorial e periférica que muito tem para ofertar para além dos muros didáticos da formação acadêmica.”

Quebradeiro nº 22: “Desconstrução. Reconstrução. Atravessamento de ideias e contaminação de saberes.”

Quebradeiro nº 27: “Projeto que busca aproximar a cultura da periferia, ou seja, fazer com que as pessoas menos favorecidas socialmente tenham a oportunidade de participar e ter acesso a eventos culturais.”

Quebradeiro nº 29: “A universidade investindo em formas de democratização, participação e acesso ao cenário acadêmico. Se afinando com discussões, questionamentos e práticas que nascem nas periferias. Um espaço de diálogo, intercâmbio. Horizontalidade.”

Quebradeiro nº 30: “Pensando assim a priori, para mim é uma galera que vem vários cantos, de várias classes que vem em busca de troca e conhecimentos diferentes e experiências diferentes do seu raio de convivência.”

Quebradeiro nº 33: “Um espaço para quebra de dogmas e paradigmas. Um espaço de trocas, de reflexão e ressignificação de tudo o que entendo e percebo como arte em todos os seus sentidos. Um caminho em que vou percorrer e quebrar obstáculos em busca de superação e realização pessoal e profissional.”

Quebradeiro nº 35: “Penso em uma reflexão sobre os saberes acadêmicos mais formais em contato com os saberes da rua, os saberes dos anônimos. Como pensar academia na rua? Como aprender com os territórios periféricos?”

Quebradeiro nº 37: “O nome já me sugere essa integração entre a academia e as comunidades. Imagino um espaço de união desses saberes.”

Quebradeiro nº 41: “Me vem um espaço onde a gente pensa a relação academia x periferia. Onde se questiona o lugar do favelado e periférico dentro desse espaço elitizado que é a academia”.

Quebradeira nº 42: “Liberdade de expressão, conquista de espaços.”

Quebradeiro nº 43: “Projeto de desconstrução da universidade tradicional, buscando horizontalidade de saberes.”

Quebradeiro nº 45: “Penso em acessibilidade, oportunidade e generosidade.”

Quebradeiro nº 47: “Um lugar menos burocrático e menos excludente consequentemente mais aberto aos novos olhares”.

Quebradeiro nº 54: “Uma extensão da academia a favela/periferia/quebrada fazendo um diálogo com a margem da sociedade possibilitando uma troca e criando uma rede.”

Quebradeiro nº 55: “Quando me inscrevi pensei que fosse algo que ensinasse algo sobre cultura etc... Mas no decorrer das entrevistas pude observar que a UQ é um projeto de troca de experiências e não uma coisa metódica na qual eu seria obrigado a aprender.”

Quebradeiro nº 58: “Possibilidade em desenvolver projetos sociais e dessa forma contribuir com a comunidade que pertenceo.”

Quebradeiro nº 63: “Lugar onde essas duas palavras encontram definição, unir pessoas em conhecimento e potência dando espaço (voz e voz) à periferia.”

Quebradeiro nº 71: “Curiosidade é a primeira coisa que me vem à mente, pois a todo tempo universidade e quebrada nos é passado como estruturas opostas, distantes.”

Quebradeiro nº 72: “Vem na minha mente que o conteúdo acadêmico dessa universidade é todo voltado para a prática, o dia a dia onde a vivência torna-se mais importante do que os inúmeros textos e mais textos que a universidade tradicional cobra dos seus alunos, sem ao menos saber se estão usufruindo de todo aquele conteúdo.”

Quebradeiro nº 73: “Um projeto voltado para pessoas que desejam levar arte e cultura para a periferia.”

Quebradeiro nº 74: “Um curso de formação que pretende contribuir para a troca entre os produtores culturais da periferia e a academia.”

Quebradeiro nº 76: “Quebra de regras, quebra de contrato. Espaço para desenvolvimento através das trocas.”

Não pretendemos avaliar se as respostas estão corretas ou não, até porque esse não é o nosso objetivo, mas sim conhecer o que os quebradeiros pensam sobre a UQ. Percebemos, pela amostragem (28 casos), que há uma diversidade de respostas, mas também há suas conexões.

Para análise utilizamos como base a conceituação sobre “Análise de conteúdo” de Bardin (2006). De acordo com Bardin (2006) a análise de conteúdo é formada por várias técnicas que tem por objetivo relatar o conteúdo emanado no processo de comunicação, tanto falado como textual. Através de procedimentos sistemáticos que viabilizam o inventário de indicadores (quantitativos ou não) possibilitando a efetuação de inferência de conhecimentos.

Tendo em vista as diferentes fases da análise de conteúdo proposta por Bardin (2006), destacam-se como o próprio autor o fez, as dimensões da codificação e categorização que possibilitam e facilitam as interpretações e as inferências. No que tange à codificação, “corresponde a uma transformação – efectuada (sic) segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão” (Bardin, 2006, p. 103). Após a codificação, segue-se para a categorização, a qual consiste na: classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos ... sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (Bardin, 2006, p. 117). (BARDIN *apud* MOZZATO e GRZYBOVSK, 2011, p. 735).

Diante das similaridades temos:

- **“Horizontalidade”**: trazendo um sentido de maior abrangência de conhecimentos em diversas áreas, horizontalidade do saber: todos nós sabemos e podemos compartilhar. Segundo Lazarte (2009, p.1), a pedagogia de Paulo Freire e a Terapia Comunitária comungam de princípios comuns, sendo uma delas a horizontalidade do saber. O autor descreve esse termo como “A horizontalidade do saber supõe que todos sabemos, todos somos doutores na nossa própria vivência e a experiência de cada um é a fonte primeira do saber que nos permite fazer escolhas e vive-las”.
- **“Lugar de troca”**: este termo esteve presente em boa parte das respostas alinhado com: troca de saberes, troca de experiências, troca entre academia e periferia. Pensar em horizontalidade e lugar de troca em um mesmo território traz-nos a ideia de compartilhamento. Conforme Lazarte (2009, p.1), “Compartilhar é uma forma

de terapia comunitária, esta permite a cada pessoa unindo saberes populares e acadêmicos, numa amálgama que reconstrói pessoas e comunidades no seu protagonismo, rompendo com a cultura da vitimização e da miséria psíquica.”

- **“Desconstrução”**: noção de ruptura do modelo tradicional de ensino. Quando esse termo surge nos questionários, percebemos que os quebradeiras querem aprender num formato diferente no atual apresentado – “Como pensar academia na rua? Como aprender com os territórios periféricos?” indaga o quebradeiro nº 35. Para Hollanda (2016), criadora da UQ, “Meu objeto de estudo, na realidade, é a universidade. Mais precisamente, como deve ser a universidade do século XXI, porque as periferias vão muito bem, não precisam da academia, mas a universidade precisa se abrir às periferias”.
- **“Periferia”**: relação do saber acadêmico e saber popular, potência das quebradas (moradia), lugar de fala. O termo “lugar de fala” está bem evidente nos dias atuais, tendo como destaque no assunto a acadêmica, feminista e militante Djamila Ribeiro. Conforme a autora, “Romper com uma história única, com a voz única, porque a gente quer uma multiplicidade de vozes. Que as vozes que foram historicamente silenciadas possam falar.” (RIBEIRO, 2007, p.5). A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em seus livros e palestras fala sobre “o perigo de uma história única” a terminologia “história única” foi criada pela escritora a partir de relatos pessoais desde sua infância na Nigéria e o período como estudante nos Estados Unidos. Onde sua colega que quarto não acreditava que a língua oficial de seu país fosse o inglês e imagina que ela escutava somente músicas tribais e que países do continente africano vivem somente na pobreza. “Pegar toda a complexidade de uma pessoa e de seu contexto e reduzi-los a um só aspecto é o que Chimamanda chama de o perigo da história única”. (SADA, 2014). Conforme a escritora Chimamanda *apud* SADA, 2014 a história única contribui como fonte de estereótipos, “Mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão”.

E, em alguns casos a UQ é vista como curso de formação de produtores ou para elaboração de projetos. Creio que a resposta mais diferente foi o 5º caso, Quebradeiro nº 17, “imaginei que pudesse ser bar tipo “Universidade do Chopp”.

Tabela 20: O que veio buscar na UQ?

Instituição	Frequência de casos
Local de trocas	37
Rede de contatos	24
Profissionalização	6
Outros	9
<i>Missing</i>	1
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Tabela 21: O que veio buscar na UQ? (2º motivo)

Instituição	Frequência de casos
Rede de contatos	9
Local de trocas	7
Profissionalização	1
Apenas um motivo	59
<i>Missing</i>	1
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

As tabelas 20 e 21 são oriundas da pergunta “3) O que você busca encontrar nesse território quebradeiro?” do formulário (anexo 3). Os dois motivos mais citados foram: Local de trocas com 37 casos (48%) e Rede de contatos com 24 casos (32%). Abaixo apresentamos alguns exemplos:

- Quebradeiro nº 7: “[...] encontrar parcerias para um futuro projeto.”
- Quebradeiro nº 10: “Busco fortalecer minhas redes...”
- Quebradeiro nº 11: “Eu busco encontrar um espaço de trocas...”
- Quebradeiros nº 12: “Parceiros...”
- Quebradeiro nº 13: “Parceiros de estrada, aprender e trocar...”
- Quebradeiro nº 15: “Troca de conhecimentos e possíveis parcerias.”

- Quebradeiro nº 28: “Busco encontrar uma troca de saberes...”
- Quebradeiro nº 29: “Um espaço de troca...”
- Quebradeiro nº 30: “Troca...”
- Quebradeiro nº 32: “Troca de pensamentos...”
- Quebradeiro nº 38: “[...] Quero mesmo é conhecer coletivos, fazer articulações...”
- Quebradeiro nº 40: “Pontes artísticas e parcerias...”
- Quebradeiro nº 47: “Experiências e trocas com pessoas...”
- Quebradeiro nº 49: “Aprimoramento e troca ...”

No caso de *Missing*, tivemos um caso: quebradeiro nº 25 que não informou nada.

Tabela 22: Como a arte atravessou sua vida? (Faixa Etária)

Faixa Etária	Frequência de casos
Infantil	31
Juvenil	23
Adulta	2
<i>Missing</i>	21
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

Tabela 23: Como a arte atravessou sua vida? (Linguagem Artística)

Linguagem Artística	Frequência de casos
Teatro (Ator/atriz, diretor)	11
Dança/Performance (Bailarino(a), dançarino(a), coreógrafo)	4
Musical (Cantor(a), músico)	12
Audiovisual (Produção, edição, roteirista, exibição, distribuição. Ex: cinema, cineclube, vídeo)	3
Literatura (Escritor, poeta, literatura - cordelista)	10
Produção Cultural (Produtores)	4
Artes Visuais (Escultura, restauração, desenho, fotografia, pintura, grafite, gravura)	10
Cenário/Figurino (Moda - estilista, figurinista, designer, cenógrafo)	2
Manifestação Popular Tradicional (Artesanato, costura, estamparia)	-
<i>Missing</i>	21
TOTAL	77

Fonte: Elaboração própria

As tabelas 22 e 23 são oriundas da pergunta “2) Como a arte atravessou sua vida?” do formulário (anexo 3). Sendo uma pergunta muito abrangente e subjetiva, optamos para análise o recorte de faixa etária e linguagem artística presentes na maioria das respostas. Na tabela 22 a faixa etária do primeiro contato com a arte foi estabelecida na infância com 31 casos (40%) e em segundo lugar na juventude com 23 casos (30%). A faixa etária juventude foi compreendida entre 15 a 29 anos, conforme Estatuto da Juventude - logo abaixo de 15 anos (Infância) e acima de 29 (Fase Adulta). Na tabela 23 as linguagens artísticas mais presentes foram: música com 12 casos (16%), seguido por teatro 11 casos (14%) e empatadas literatura e artes visuais 10 casos (11%) cada uma.

No caso de *Missing*, tivemos 21 casos (27%) de respostas as quais não podemos estabelecer conexão, exemplos:

- Quebradeiro nº 12: “Como uma tábua de salvação.”
- Quebradeiro nº 13: “[...]. Nessa pergunta me sinto a encruzilhada.”
- Quebradeiro nº 18: “A arte é minha vida. Viver é uma arte.”
- Quebradeiro nº 24: “Encantamento.”
- Quebradeiro nº 45: “Numa ação desejosa de mim mesmo.”
- Quebradeiro nº 46: “Minha fábrica de auto representatividade estático.”
- Quebradeiro nº 51: “Ela me salvou de diferentes formas.”
- Quebradeiro nº 53: “Entrou como hobby e virou profissão.”
- Quebradeiro nº 72: “Nesse conturbado mundo de consumo e competição.”

que não colocaram nada. As questões 5) e 6) do formulário (anexo 3) não fazem parte das análises desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrermos os objetivos de projetos como Agentes Culturais Populares da UFF e o *Periferia em Cena do IFRJ*, pudemos observar a necessidade e a importância da integração entre o dito saber acadêmico com o saber cotidiano. Ao nos determos mais especificamente sobre o UQ, tivemos o objetivo de contribuir com o aprimoramento de uma dessas experiências que vêm impactando positivamente os pilares de sustentação da Academia.

E, tendo esse objetivo, traremos para as considerações finais deste trabalho mais do que uma análise dessa experiência. Busca fazer algumas proposições que possam servir, quem sabe, para o aprimoramento, não apenas do instrumento de coleta de dados, mas, também, que facilite a manipulação das informações disponibilizadas pelos “quebradeiras” e possibilitem que outros pesquisadores aprofundem as avaliações sobre essa experiência, mesmo que com objetivos diferentes dos que apresentamos aqui.

Assim, apresentaremos a seguir algumas considerações sobre o que observamos no campo. Na tabulação dos dados, foi verificada uma frequência elevada de erros no preenchimento da ficha de inscrição via internet. A causa diagnosticada: o usuário tinha permissão para escrever as respostas, sendo algumas respostas supridas somente por marcação de item. Exemplo: nacionalidade, naturalidade, gênero, idade.

Entendemos que para os itens de localidade (residência, área de atuação e local do projeto cultural) seria uma boa alternativa também a opção marcação ao invés do usuário escrever. Vamos sugerir que esses itens citados sejam alterados no questionário eletrônico através de novo *layout*. Ou seja, a resposta do usuário ser somente por marcação do item desejado. Nos itens de localidade, acreditamos que o tipo de classificação optado neste projeto para as análises será interessante. Logo, os usuários marcam a região do Estado e a cidade. Caso seja a cidade do Rio de Janeiro, marca a área de planejamentos e o bairro. A cada etapa de marcação, o sistema vai disponibilizando as informações para a consulta do usuário.

Este procedimento contribuirá para a otimização do tempo, já que para extrair esses dados tivemos que pesquisar em outras fontes, ou seja, quando tínhamos o nome do bairro, recorríamos ao mapa de áreas de planejamento para poder classificar. No entanto, quando esses dados não eram fornecidos ou incompletos, a solução encontrada foi buscar esses dados nas páginas sociais (virtuais) ligadas aos quebradeiras e ao projeto cultural, para posteriormente fazer a classificação.

Para entender o perfil dos quebradeiras, desmembramos algumas perguntas, como, por

exemplo, “Faz parte de algum Projeto cultural? Se sim, descreva-o em poucas palavras”. As respostas às vezes eram muito abertas. Então classificamos a partir delas como: Nome do projeto, descrição, linguagem artística, local (formal, informal) com subitens e natureza de atuação do quebradeiro no projeto. Claro que para isso tivemos que recorrer novamente às páginas sociais (virtuais), *blog's*, *sites*. Isso correu também para classificação de instrução (exatas x humanas; particular x pública).

Como já foi descrito ao longo do projeto, ter informações sobre a renda, tais como: valor, sua renda é vinculada ou não ao projeto cultural, saber se o quebradeiro vive exclusivamente de fontes ligadas ao campo das artes, qual é sua principal fonte, seu projeto já foi aprovado em editais etc. Essas informações favorecem nas análises.

Essas averiguações serão repassadas à UQ para que a mesma analise a viabilidade de atualização do sistema.

O que nos chamou mais atenção na ficha de inscrição é como foi apresentada a questão “Área de atuação – Você trabalha com quê?”. Nas opções de marcação percebemos que áreas de atuação estavam misturadas com profissão e ocupação. Na tabela 7, apontamos os possíveis indícios de por que isso ocorreu. De fato, os trabalhadores da área da cultura, principalmente das zonas periféricas, têm acúmulo de funções para que seus projetos saiam do papel. Muitos se intitulam produtores culturais, mas somente produzem seus próprios projetos artísticos. No entanto, essa situação não é algo desejado e sim imposto, consequência das poucas práticas de políticas públicas voltadas para esses grupos.

Na ficha de inscrição não foi questionado sobre os projetos culturais terem sido contemplados por leis de incentivos, mas, ao descreverem os projetos e seus motivos pela procura da UQ na ficha de inscrição *on-line*, essa informação é evidenciada. Atrelado às reflexões dos autores abordados neste trabalho, podemos entender que, mesmo o artista sendo aprovado em editais, o mesmo deve ter um acompanhamento. Temos o exemplo dos pontos de cultura, uma iniciativa que tem por objetivo democratizar o acesso de verbas públicas, mas sem esse acompanhamento algo que seria positivo pode se tornar um pesadelo, como foi com o grupo teatral de Porto Alegre que a autora citou neste trabalho.

Enquanto a ficha de inscrição *on-line* foi elaborada pela equipe da UQ, o formulário (anexo 3) foi produzido pela autora. As perguntas eram amplas dando margem para respostas abertas e foi isso que ocorreu. No entanto, acreditamos que conseguimos extrair dados fundamentais para este projeto. Corremos o risco e achamos que era necessário, já que o público-alvo da pesquisa era artistas, onde o abstrato, o criativo, o lúdico e o subjetivo andam

juntos, e queríamos ver como eles reagiam, sem ter a “condução” que um formulário totalmente estrutural propõe-se.

Sobre o perfil dos quebradeiras de 2017, através do mapeamento dos interessados no laboratório UQ, vimos que a maioria da busca é de mulheres; que a média de idade dos quebradeiras é de 25 – 35 anos e que em sua maioria são moradores da Cidade do Rio de Janeiro situados na área de planejamento três que tem como bairros: Complexo do Alemão, Madureira, Pavuna, Maré, entre outros. No quesito de formação educacional, o ensino público foi o mais citado. A maioria dos quebradeiras está cursando ensino superior, tendo destaque as mulheres. No ensino superior, os cursos citados são voltados para o campo das humanas, com predileção de cursos de artes.

Os jovens são os dominantes da área da comunicação. Já na área das artes, temos variações de idades, tendo como atuação mais citada a produção cultural, seguida por artes cênicas e artes visuais. Foi constatado que a maioria dos quebradeiras está ligada a projetos culturais e suas atuações neles são profissionais, ou seja, não são voluntários. Isso não quer dizer necessariamente que são remunerados. Muitas vezes é uma forma de divulgação do trabalho e a possibilidade de rede de contatos para projetos futuros.

Majoritariamente os quebradeiras conhecem a UQ por indicação de amigos. E procuram o laboratório para trocas de saberes e redes de contato. Essa troca de saberes é através da horizontalidade do conhecimento, como relata o quebradeira nº 41: “Eu busco encontrar outras pessoas que compartilhem seus questionamentos e me tragam outras questões, a fim de pensar como nós favelados, podemos ocupar esse espaço e trazer outros de nós”; e o quebradeira nº 52: “Novas experiências, conhecimento teórico, pessoas com quem eu possa trocar saberes, fazer contatos e descobrir novos meios de promover cultura”. E, também a questão da afetividade estava presente nos relatos, conforme o quebradeira nº 34: “Elos verdadeiros, transformação e abraços”.

Grande parte dos quebradeiras relata que “a arte atravessou suas vidas” na infância e a linguagem artística mais citada foi música e teatro, sendo que uma das áreas de atuação mais indicadas foram as artes cênicas. O contato com o teatro na infância pode ter influenciado o quebradeira a trabalhar nessa área na fase adulta.

“[...] As possibilidades de tomar uma decisão racional crescem consideravelmente quando se aproxima a idade pré-escolar maior. Estas possibilidades apoiam-se na hierarquização das motivações [...] Isso desenvolve seu autodomínio e sua capacidade de conter os desejos circunstanciais, e fortalece sua vontade” (MUKHINA *apud* PASQUALINI, GARBULHO E SCHUT, 2004, p.75).

Segundo os autores Pasqualini, Garbulho e Schut (2004), “[...] oportunizando

situações de escolha para a criança e fazendo avançar seu desenvolvimento nesta direção, é determinante na consolidação destas habilidades.” Para os autores o exercício de orientação profissional favorece este desenvolvimento desde a infância através de atividades que propiciem conhecimentos e “vivências de situações de escolha”.

A partir da feitura deste mapeamento do ano de 2017, acreditamos que possa contribuir na formulação do processo metodológico e pedagógico da UQ, bem como para discussões acadêmicas em torno de políticas públicas na cidade do Rio de Janeiro através dos relatos e dados desses grupos; e que possamos entender suas necessidades e, assim, contribuir para que o processo de captação de recursos seja mais justo.

Pensamos, a partir do mapeamento feito, que seria interessante ter no laboratório da UQ iniciativas voltadas para público feminino, já que a maioria da busca é por mulheres, tais como: empreendedorismo feminino e estudos voltados à temática feminista. Já que o teatro é bem presente na área de atuação dos quebradeiras, a UQ também poderia incentivar na criação de peças teatrais, a partir de leituras dramáticas de autores brasileiros.

Esse mapeamento poderia contribuir também para busca de patrocínios. Sabemos que é difícil, mas existem empresas que incentivam projetos com patrocínio direto, ou seja, o projeto não precisa ser aprovado em alguma lei de incentivo, mas, para isso, a empresa quer saber que público o projeto atinge e o mapeamento ajudaria nesse item, além de corroborar para que as próximas turmas continuem esse processo cartográfico, sempre com o princípio norteador de construção, mudança e renovação, reciclando o que for necessário e ao mesmo tempo fortalecendo a rede de afetos.

O surgimento das redes ocorre quando um propósito comum consegue aglutinar diferentes atores e convocá-los para a ação. O elemento de coesão das redes é uma ideia-força, uma tarefa, um objetivo. Algo que parece frágil como princípio organizacional, mas quando potencializado pela ação voluntária se constitui num poderoso agente de transformação (MARTINHO, 2003, p.50).

Foi perguntado no formulário “Se pudesse definir em uma palavra seu lugar de vivência/luta/resistência qual seria?” A resposta mais mencionada foi FAVELA. Esta resposta conecta-nos ao texto das autoras FACINA e PASSOS e a relação histórica deste termo apresentada por elas. Entender sua origem e principalmente como a favela é vista nos dias atuais leva-nos a refletir o papel fundamental que o Estado deve cumprir, que é garantir o bem-estar da população.

Entendemos que os estudos não param por aqui, sendo interessante aplicá-lo no final do curso na UQ para entender se os anseios dos quebradeiros foram atingidos e o que deve ser melhorado.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri (org.) *Cartografia social, terra e território*. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 2013.
- ARAÚJO, Maria do Socorro Brito. *NAS QUEBRADAS DA VOZ: O lugar e a mãe na crônica poética do rap*. 2009. 215 f. Tese (Doutorado em em Ciência da Literatura – Semiologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.
- BRASIL, Ministério da Cultura. *Programa Cultura Viva*. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/cidadania/iversidade/programas/-/asset_publisher/rcU9JEoAYanL/document/id/1068554. Acesso em: 30 nov. 2017.
- BRASIL, Portal. *Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-sao-maioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>. Acesso em: 01 dez. 2017.
- CARDOSO, Gustavo. *Para uma sociologia do ciberespaço: comunidades virtuais em português*. Oeiras, Portugal: Celta, 1998.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.2) São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: (s.e.), 2003.
- CASTRO, Celso. *Simmel e a interação social*. In: Textos básicos de sociologia. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e Democracia*. 2. ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Calmon, 2009.
- CHERQUES, Hermano Roberto Thiry. *Administração de projetos culturais – três experiências*. Rio de Janeiro: Da Fundação Getúlio Vargas, 1981.
- COSTA, Ivanilson. *Novas tecnologias e aprendizagem*. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014.
- FACINA, Adriana; PASSOS, Pâmella. *Entre fábulas, perversidades e possibilidades: reflexões sobre cursos de agentes culturais populares*. Disponível em: https://www.academia.edu/17134591/Entre_f%C3%A1bulas_perversidades_e_possibilidades_reflex%C3%B5es_sobre_cursos_de_agentes_culturais_populares. Acesso em: 18 dez. 2017.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GUADARTTI, Iris; FREITAS, Renata. Laboratório de Tecnologias Sociais Universidade das Quebradas | UFRJ. In: V JORNADA DE EXTENSIÓN DEL MERCOSUR. *Anais...* Buenos Aires: Unicen - Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. May, 2016. Disponível em: extension.unicen.edu.ar/jem/subir

uploads/ 1068_2016.doc>. Acesso em: 10 set. 2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *A cultura das periferias vai à universidade*. Humanidades, Rio Pesquisa, n. 34. Disponível em: <<http://www.faperj.br/downloads/humanidades.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

LAZARTE, Rolando. *A pedagogia de Paulo Freire e a Terapia Comunitária*. Disponível em: <<http://consciencia.net/a-pedagogia-de-paulo-freire-e-a-terapia-comunitaria/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; NEVES, Paulo Sérgio da Costa; SILVA, Paula Bacellar e. A implantação de cotas na universidade: paternalismo e ameaça à posição dos grupos dominantes. *Revista Brasileira de Educação* v. 19 n. 56 jan.-mar. 2014.

LOPES, Cristina. *Cotas raciais: por que sim?* 3.ed. Rio de Janeiro: Ibase, 2008.

MARTINHO, Cássio. *Uma introdução às dinâmicas da conectividade e da autoorganização*. Brasília: WWW-Brasil, 2003.

MENDES, João Luiz Guerreiro. *Quando o centro é a periferia: dinâmica cultural na região portuária do Rio de Janeiro*. 2013 267 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Rio de Janeiro, 2013.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. *Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios*. RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

PASQUALINI, J. C.; GARBULHO, N. F.; SCHUT, T. *Orientação Profissional com Crianças: Uma Contribuição à Educação Infantil*. Revista Brasileira de Orientação Profissional, 2004, 5 (1), pp. 71 – 85. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100007>. Acesso em: 25 jan. 2018.

PASSOS, Pâmella; DANTAS, Aline; MELLO, Marisa S. *Periferias em cena! – 4º Curso de Formação de Agentes Culturais Populares*. Rio de Janeiro: IFRJ, 2013.

PLESSMAN, Franklin. Unidade M03U01, Módulo M03: Introdução à Participação; in: ETERN/IPPUR/UFRJ, *Guia Para Experiências de Mapeamento Comunitário, versão livremente adaptada para o português de CTA*. 2010. Training Kit on Participatory Spatial Information Management and Communication. CTA, Países Baixos; Rio de Janeiro, 2013.

PORTO, Marta. *Construindo o público a partir da cultura: gestão municipal e participação social*. Disponível em: <http://inspirebr.com.br/uploads/midiатеca/84_0c5b5094475806a80931bd8499db57.pdf>. Acesso em: 18 out. 2017.

QUEBRADAS, Universidade das. *Programação UQ/PACC/UFRJ*. Disponível em: <<http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

REIS, Ana Carla Fonseca. *Marketing cultural e financiamento da cultura: teoria e prática em um estudo internacional comparado*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

RIBEIRO, Djamila. *O lugar da fala e outros lugares*. Entrevista para Caros amigos – A Primeira à Esquerda. Disponível em: <<https://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/9930-djamila-ribeiro-o-lugar-da-fala-e-outros-lugares>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: Edufba, 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; ROCHA, Renata (Org). *Políticas Culturais*. Salvador: Edufba, 2012.

SADA, Juliana. *Eu e o Outro: o perigo da história única*. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/eu-outro-perigo-da-historia-unica/>>. Acesso em: 15 jan. 2018.a

SANTOS, Diana Vinturino; MARCARENHAS, Aília Leal de Jesus; SCHMITZ, Heike. *Implantação das cotas ético-raciais nas universidades públicas do nordeste: Experiências de Bahia e Sergipe*. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristóvão-SE. 21 a 23.set.2011.

SANTOS, Milton. Introdução Geral. In: *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVEIRA, C. L. Z. et al. *Meu produto: um projeto articulador entre conteúdos disciplinares e as mídias*. Rio de Janeiro, 2007. Monografia. Coordenação Central de Educação a Distância/PUC-Rio. Curso de Especialização em Tecnologias na Educação.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

ANEXO 1: FICHA DE INSCRIÇÃO EDIÇÃO UQ 2017 (1 ETAPA)

ENDEREÇO ELETRÔNICO

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSetxR4fUA7UjldzjYDEDX9Ur6AresAHk6LxCyVDq1GQ69l8Cw/viewform?c=0&w=1>

Inscrições para NOVO Quebradeiro - UQ 2017

*Obrigatório

Nome completo *

Sua resposta

Nome artístico

Sua resposta

Data de nascimento: *

Data dd/mm/aaaa

Nacionalidade: *

Sua resposta

Naturalidade: *

Sua resposta

Gênero: *

Feminino

Masculino

Você tem Facebook?

Sim Não

Se sim, qual o link do seu perfil?

Sua resposta

Instagram:

Sua resposta

E-mail: *

Sua resposta

Celular com DDD:

Sua resposta

Telefone fixo:

Sua resposta

WhatsApp:

Sua resposta

Estado onde reside: *

Sua resposta

Cidade onde reside: *

Sua resposta

Bairro onde reside: *

Sua resposta

Como ficou sabendo da Universidade das Quebradas? *

Sua resposta

Escolaridade: *

- Fundamental incompleto
- Fundamental completo
- Médio incompleto
- Médio completo
- Técnico completo
- Superior incompleta
- Superior completa
- Pós-Graduação Lato-sensu
- Mestrado
- Doutorado
- Outro:

Qual a área da Graduação ou da Pós-Graduação?

Sua resposta

Qual a instituição da Graduação e da Pós-Graduação?

Sua resposta

Área de atuação - Você trabalha com quê? *

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Arquitetura | <input type="checkbox"/> Artes |
| <input type="checkbox"/> Artesanato | <input type="checkbox"/> Blogueiro (a) |
| <input type="checkbox"/> Ator / Atriz | <input type="checkbox"/> Cantor (a) |
| <input type="checkbox"/> Arte educador | <input type="checkbox"/> Cenógrafo (a) |

- | | |
|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Ceramista | <input type="checkbox"/> Desenho |
| <input type="checkbox"/> Cinegrafista | <input type="checkbox"/> Designer |
| <input type="checkbox"/> Comunicação | <input type="checkbox"/> Direção |
| <input type="checkbox"/> Dança | <input type="checkbox"/> Editor (a) |
| <input type="checkbox"/> Educador (a) | <input type="checkbox"/> Literatura |
| <input type="checkbox"/> Escultor (a) | <input type="checkbox"/> Moda |
| <input type="checkbox"/> Escritor (a) | <input type="checkbox"/> Música |
| <input type="checkbox"/> Figurinista | <input type="checkbox"/> Pintura |
| <input type="checkbox"/> Geografia | <input type="checkbox"/> Produção cinematográfica |
| <input type="checkbox"/> Grafite | <input type="checkbox"/> Produção cultural |
| <input type="checkbox"/> Gravura | <input type="checkbox"/> Teatro |
| <input type="checkbox"/> DJ | <input type="checkbox"/> Web designer |
| <input type="checkbox"/> Fotografia | <input type="checkbox"/> Outro: |

Território (indique município(s) e bairro(s) correspondente(s) à(s) área(s) de atuação): *

Sua resposta

Faz parte de algum Projeto Cultural? *

- Sim
- Não

Se sim, descreva-o em poucas palavras:

Sua resposta

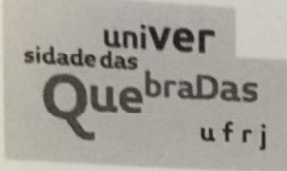
Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

ENVIAR

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Formulários

ANEXO 2: FICHA DE AVALIAÇÃO DE ENTREVISTA (2 ETAPA)



SELEÇÃO DE QUEBRADEIROS - UQ-2017

ENTREVISTA

*Sala 1
07/03/17*

NOME - CANDIDATO (A)

FICHA DE AVALIAÇÃO - ENTREVISTADOR

ENTREVISTADOR - OBSERVE		ÓTIMO	BOM	REGULAR		
1	Desenvoltura e Comunicação	X				
2	Disponibilidade para fazer o curso	X				
3	Envolvimento com projeto social	X				
4	Objetivo para fazer o curso	X				
5						
RESULTADO		APROVADO		FILA DE ESPERA		
		SIM	NÃO			
		X				

ANOTAÇÕES

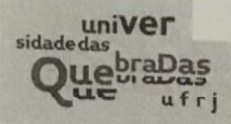
*- Memória SPOC.
- ~~Foto~~
- Ativista Social da Amistade Intercontinental (AIC).
- Correspondente do Voz da Mãe.
- Pesquisa contra o golpe.
- Juventude Sem Fronteira.*

DATA: *09/03/17*

Entrevistador:

ANEXO 3: FORMULÁRIO (3 ETAPA)

Sala 01



Prezado (a), seja bem-vindo (a) à UQ-2017 e queremos saber mais sobre vc. As perguntas abaixo não são obrigatórias, mas serão de grande valia para o nosso projeto.

- O que vem primeiro em sua mente sobre o que é Universidade das Quebradas #UQ?

DIÁLOGO!!! UM ESPAÇO DE INTEGRAÇÃO E RESPEITO À DIVERSIDADE DE PENSAMENTOS E IDEIAS. UM ESPAÇO ONDE É POSSÍVEL CRIAR CAMINHOS (NOVOS CAMINHOS) ENTRE LUGARES ANTES "IMPOSSÍVEIS".
- Como a arte atravessou sua vida?

MEU PAI! MEU NOME LEIO DE MÚSICA. CRESCI OUVINDO ELE TOCAR VIOLA E CANTANDO CIRANDAS À NOITE NA VARANDA. A POESIA DELE ME CONTOGOU E ME FEZ PERCEBER POETA TAMBÉM. MEU PAI FOI A PONTE NESTA TRAVESSIA!!!
- O que você busca encontrar nesse território quebradeiro?

NOVOS MOTIVOS! SÃO NOVOS MOTIVOS QUE EU ENCONTRO PAIXÃO PARA TOCAR A VIDA. É ISSO QUE ME INSPIRATÓRIOS OS DIAS, DESDE QUANDO SAÍ DE CASA, ATÉ A QUEBRADA ONDE LUTO POR JUSTIÇA! EU QUERO APRENDER COISAS NOVAS. ME DOAR E DESPERTAR. QUERO APRENDER P/ O OUTRO.
- Se pudesse definir em uma palavra seu lugar de vivência/luta/resistência qual seria?

♡ FAVELA ♡
- 5) No seu projeto social/cultural/artístico coletivo ou individual, qual é sua maior dificuldade no cotidiano? Caso você não tenha, tem interesse em participar de algum? Em que área?

TEMPO DE QUALIDADE C/ CADA INDIVÍDUO ZINHO QUE EU ATENDO. EDUCAÇÃO SOCIAL É UM DESAFIO. ESSA É UMA DEMANDA BASTANTE PESSOAL, MAS EU PERCEBO QUE O TEMPO QUE PERDICAMOS P/ ALQUEM FAZ DIFERENÇA NA VIDA DA PESSOA, PRIMA MAIS QUANDO SÃO CRIANÇAS. CRIANÇA PRECISA DE TEMPO... O SENHOR DE TODOS OS DESTINOS ♡
- 6) Na programação de 2017, o estudo de caso será a formação social e racial do Brasil contemporâneo. Os livros estudados serão: **Iracema**, de José de Alencar, e **Macunaima**, de Mário de Andrade. Esse tema lhe interessa? Por quê? Você já leu esses livros? → NÃO.

VÍ FILME, MAS CONHEÇO AS OBRAS E AUTORES. MUITO!! MUITO ME INTERESSA. AVANÇO ESTUDEI A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO, MINHA VISÃO DE MUNDO MUDOU. EU MUDEI E NÃO TEVE COMO PENSAR ESSA FORMAÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO, SEM PASSAR PELA FORMAÇÃO SOCIAL E RACIAL DO BRASIL. TUDO TÁ COMBATIDO. TUDO COEXISTIU!!! E NÃO DÁ PRA PENSAR EDUCAÇÃO, EM NOSSO ESPAÇO, SEM PASSAR POR ESSES DEBATES... SEM TÁ ESCLARECIDO. SEGUI MOS!!!

ANEXO 4: MAPA DO BRASIL POR REGIÕES

ANEXO 6: MAPA DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO
ÁREAS DE PLANEJAMENTO

